

FUTURES
LITERACY



COLEÇÃO MEMÓRIAS DE AULA

Registros etnográficos no processo
de formação-investigação com
professores e estudantes da
Educação Básica

Nilda Stecanela
Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli
(organizadoras)



COLEÇÃO MEMÓRIAS DE
AULA NO PROJETO
FUTURES LITERACY

**Registros etnográficos de
formação-investigação
com professores e
estudantes da
Educação Básica**

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e
Desenvolvimento Tecnológico:*
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Márcio Miranda Alves
Matheus de Mesquita Silveira
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese
Thiago de Oliveira Gamba

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinar de Derechos
Fundamentales Praeeminentia Iustitia/
Peru*

Juan Emmerich
*Universidad Nacional de La Plata/
Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
*Universidad Nacional del Centro/
Argentina*

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



COLEÇÃO MEMÓRIAS DE AULA NO PROJETO FUTURES LITERACY

Registros etnográficos de formação-investigação com professores e estudantes da Educação Básica

Nilda Stecanela

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli
(organizadoras)



APOIO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

PARCERIA

EMEF CALDAS JÚNIOR

© das organizadoras

1ª edição: 2023

Revisão: Giovana Letícia Reolon

Editoração: Igor Rodrigues de Almeida

Capa: EDUCS

Ilustrações: CINTED – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

C961 Coleção “memórias de aula” no projeto Futures Literacy [recurso eletrônico] : registros etnográficos no processo de formação-investigação com professores e estudantes da educação básica / org. Nilda Stecanela, Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2023.

Dados eletrônicos (1 arquivo).

Vários autores.

Modo de acesso: World Wide Web.

Projeto “Futures Literacy no Contexto da Educação Básica” / coordenação Nilda Stecanela e Mateus Panizzon.

DOI 10.18226/9786558072782

ISBN 978-65-5807-278-2

1. Educação. 2. Professores - Formação. 3. Etnologia. I. Stecanela, Nilda. II. Pizzoli, Maria de Fátima Fagherazzi. III. Panizzon, Mateus.

CDU 2. ed.: 37

Índice para o catálogo sistemático:

1. Educação	37
2. Professores - Formação	37.011.3-051
3. Etnologia	39

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460.

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 –
Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. Termina-se sabe Deus onde.

*Mário Osório Marques*¹

¹ MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso**. 5.ed. rev. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2006, p.15.

Sumário

Nilda Stecanela e Mateus Panizzon

Apresentação

Memórias de aula no processo de formação-investigação

11

Joanne Cristina Pedro

Prefácio

Das memórias de aulas à sistematização de experiências:
conexões possíveis nas rotas dos registros reflexivos

14

PARTE I – Registros Reflexivos

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Olhar e registrar: memórias para marcas de letramentos

21

Emily de Melo Martello

Os princípios da pesquisa: aprender a olhar, escutar e escrever

26

Vagner Zulianelo

Reflexões sobre o Projeto Futures Literacy no contexto da Educação Básica

33

PARTE II – Futures Literacy no contexto da Educação Básica

Fase I: Professores

O processo de formação-investigação com os professores

37

Nilda Stecanela

Memória de Aula: Fase I Encontro Um de 20 a 26 de abril de 2022 Remoto

Explicitando concepções, estabelecendo vínculos, nos
conhecendo

39

Fabiana Kaodoinski e Nilda Stecanela

**Memória de Aula: Fase I Encontro Dois
30 de abril de 2022 Presencial**

Os referenciais curriculares para a Educação Básica:
os velhos e os novos desafios da prática docente
contemporânea

41

Fabiana Kaodoinski e Nilda Stecanela

**Memória de Aula: Fase I Encontro Três
06 de maio de 2022 Presencial**

A formação continuada, em contexto, em serviço e a
implementação da BNCC e do DOCCX: dimensões da
pesquisa-ação e alianças para a formação-investigação

47

Nilda Stecanela

**Memória de Aula: Fase I Encontro
Quatro 13 de maio e 29 de junho de
2022 Remoto**

Temas emergentes para a atuação docente
contemporânea

52

Nilda Stecanela e Vagner Zulianello

**Memória de Aula: Fase I Encontros
Cinco e Seis 03 de junho de 2022
Presencial**

Introdução ao Futures Literacy e ao Futures Thinking

54

Nilda Stecanela

**Memória de Aula: Fase I Encontro Sete
24 de junho de 2022 Presencial**

Sistematização dos projetos de Futures Thinking

61

Fabiana Kaodoinski e Nilda Stecanela

**Memória de Aula: Fase I Encontro Oito
09 de julho de 2022 Presencial**

A carta-projeto para Futures Literacy: imaginar e refletir!

65

Nilda Stecanela

**Memória de Aula: Fase I Encontro Nove
26 de agosto de 2022 Presencial**

A carta-projeto para Futures Literacy: finalização da Fase I
73

Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

**Memória de Aula: Fase I Encontro Dez
16 de setembro de 2022 Presencial**

Olhando o caminho feito: sínteses possíveis, anúncios
necessários
74

**PARTE III – Futures Literacy no contexto da Educação
Básica**

Fase II: Professores e estudantes

A formação-investigação une professores e estudantes
86

Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

**Memória de Aula: Fase II Encontro Um
30 de setembro de 2022 Presencial**

Carta de transição – Convite para composição dos
comitês de organização do projeto 50 anos da Escola
Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender
o presente, desenhar o futuro para transformar
comportamentos hoje
87

Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

**Memória de Aula: Fase II Encontro Dois
14 de outubro de 2022 Presencial**

Logística para o desenvolvimento do projeto 50 anos da
Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender
o presente, desenhar o futuro para transformar
comportamentos hoje
96

Emily de Melo Martello e Nilda Stecanela

Memória de Aula: Fase II Encontro Três

21 de outubro de 2022 Presencial

Planejamento dos Comitês de Trabalho do projeto
“50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado,
compreender o presente, desenhar o futuro para transformar
comportamentos hoje

104

Tiago Scopel (Autoria) e Vagner Zulianelo (Revisão)

Memória de Aula: Fase II Encontro Quatro

04 de novembro de 2022

Mobilização/sensibilização dos estudantes e da turmas
para o projeto “50 anos da escola caldas Júnior: olhar para
o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para
transformar comportamentos hoje”

109

Tiago Scopel (Autoria) e Vagner Zulianelo (Revisão)

Memória de Aula: Fase II Encontro Cinco

11 de novembro de 2022

Análise das respostas oriundas da consulta à comunidade

112

Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Memória de Aula: Fase II Encontro Seis

26 de novembro de 2022 Presencial

Minha História com a Escola Caldas Júnior

114

Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Memória de Aula: Fase II Encontro Sete

16 de dezembro de 2022 Presencial

Parada reflexiva

117

Nilda Stecanela

Memória de Aula: Fase II 25 de março de

2023 Presencial

Lançamento do documentário 50 anos da Escola Caldas
Júnior: olhar para o passado, compreender o presente,
desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje

120

Apêndices

Apêndice A

Questionário memórias da comunidade escolar”

125

Apêndice B

Interações minha história com a Escola Caldas Júnior

127

Apêndice C

Interação de professores

137

Apêndice D

Interação de estudantes

147

Apresentação

Memórias de aula no processo de formação-investigação

Esta publicação, intitulada *Coleção Memórias de Aula no Projeto Futures Literacy*, integra o conjunto de registros que emergiram e acompanharam o processo de formação-investigação desenvolvido no *Projeto Futures Literacy no Contexto da Educação Básica*, resultante de uma parceria entre a Universidade de Caxias do Sul e a Escola de Ensino Fundamental Caldas Júnior, com apoio da Fapergs e do Sebrae no âmbito do Edital FAPERGS SEBRAE/RS nº 03/2021 Programa de apoio a projetos de pesquisa e de inovação na área da Educação Básica (PROEdu), Modalidade A – Projeto de Pesquisa.

No formato de um curso de extensão abrigado nos Programas de Pós-Graduação em Educação, em Administração e em Ensino de Ciências e Matemática, bem como no Núcleo de Desenvolvimento e Inovação Observatório de Educação, a formação-investigação aconteceu no ano de 2022 em duas fases.

A *Fase I* voltou-se para os percursos formativos dos professores em duas perspectivas: a da pesquisa como princípio educativo e ferramenta pedagógica e a da Futures Thinking. Por sua vez, a *Fase II* envolveu professores e estudantes, organizados em comitês multidisciplinares e multisseriados, responsáveis pela mobilização da comunidade escolar e pelo desenvolvimento do subprojeto intitulado 50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje.

Os registros que seguem nas Memórias de aula de cada encontro contou com o apoio da equipe integrante do projeto, seja na tomada dos registros etnográficos, seja na edição e na complementação dos seus resultados, assim como na leitura

e na interação promovida a cada novo encontro da formação-investigação desenvolvida. Trata-se de um procedimento importante no processo de pesquisa-ação em contextos educativos, não apenas na formação de professores, mas também nos processos participativos desencadeados com os estudantes de uma escola pública municipal de Ensino Fundamental.

Consoante ao perfil dos participantes da referida formação-investigação, bem como aos limites de tempo e dinâmicas da escola-cenário e parceira no projeto, os registros aqui apresentados são adaptados dos registros reflexivos orientados por Franco (2014), quando desenvolvemos a pesquisa-ação em encontros pedagógicos como dispositivos de formação. Segundo essa autora, as potências dos registros reflexivos podem favorecer a constituição da autoria pedagógica dos participantes, assim como o compartilhamento das reflexões produzidas. Além disso, na experiência protagonizada, acrescentamos o efeito recursivo que promove a vigília pela memória do vivido, articulando os conteúdos da reflexão e das produções, de um encontro para outro, ao longo das mais de 60 horas de formação. Franco (2014, p. 225) evidencia que o registro reflexivo é um instrumento importante para a construção da autoria, funcionando como descongelador de silêncios e mobilizador de ações. Embora não tenham sido executados diretamente pelos participantes, entendemos que suas vozes ecoam nos registros produzidos e validados no coletivo.

É preciso, contudo, reconhecer os limites para vencer a resistência aos registros reflexivos, muito presente nas culturas escolares e associada à tradição da burocratização atinente à documentação pedagógica, na maior parte das vezes, realizada sem a necessária atribuição de sentidos a um fazer mecanizado, sublinhando os alertas de Franco, pois, para que o significado da prática pedagógica e dos registros reflexivos sejam construídos, o professor precisa compreender o que faz e por que o faz.

Certamente, ao replicar a proposta e adaptá-la a outro contexto, com outros participantes, a apropriação da experiência vivida no projeto-piloto desenvolvido, com suas potencialidades e limitações, será incorporada, acolhendo momentos privilegiados para a formação voltada aos registros reflexivos que acompanham os processos de formação-investigação em uma perspectiva de pesquisa-ação em contextos educativos.

Referência

FRANCO, Maria Amélia Santoro. A pesquisa-ação na prática pedagógica: balizando princípios metodológicos. *In*: STRECK, Danilo; SOBOTKA, Emil A.; EGGERT, Edla. **Conhecer e transformar: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional**. Curitiba: CRV, 2014. p. 217-236.

Nilda Stecanela e Mateus Panizzon
Coordenadores do Projeto

Prefácio

Das memórias de aulas à sistematização de experiências: conexões possíveis nas rotas dos registros reflexivos

por Joanne Cristina Pedro²

Recebi, com alegria, o convite para prefaciar esta coleção de memórias de aula, escritas no âmbito do projeto *Futures Literacy*, e fiquei pensando nas pontes e conexões que este início lança sobre as construções do belo trabalho que as páginas a seguir revelam.

Alguns desses elos podem ser desenvolvidos aqui, de forma breve, a partir de algumas ponderações sobre os pressupostos teóricos e metodológicos da Sistematização de Experiências, pautadas na referência de Jara (2006, 2018), como uma contribuição de aprofundamento, para futuros trabalhos aportados nas metodologias participativas que dialoguem com o propósito do presente projeto-piloto, que parte da organização de registros reflexivos como um possível mobilizador de ações.

Sistematizar a experiência, para Jara (2018), corresponde ao registro, à documentação, à análise e à reflexão de processos de mudança social e práticas emancipadoras. Tive a oportunidade de trabalhar com essa abordagem metodológica em meu processo de doutoramento, concluído em 2022, a partir de uma experiência de base, junto a um coletivo de mulheres na periferia de Caxias do Sul, desenvolvida no escopo

² Doutora e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Possui Especialização em Organização e Gestão de Políticas Sociais pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e Graduação em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

da Educação Popular, no qual a participação dos sujeitos foi o pressuposto central e mobilizador da pesquisa.

Nessa construção, é importante ressaltar que dentro dessa abordagem participativa, para além da simples descrição dos eventos e dos resultados da experiência, há uma dimensão histórica, interpretativa e crítica acerca da práxis vivenciada, permitindo que os sujeitos envolvidos possam ecoar e aprender com suas próprias experiências.

A coletivização da experiência favorece o fortalecimento dos grupos envolvidos, os quais podem aprimorar, juntos, os seus processos de planejamento dos próximos passos a partir da leitura do contexto, da validação e da avaliação de avanços, recuos e pontos de estagnação, transformando e lapidando a prática em movimento.

É, ainda, a Sistematização, como instrumento do saber cientificamente construído, de acordo com Jara (2018), que pode contribuir para a atualização das teorias políticas existentes, dando aporte a elementos provenientes da interpretação crítica de relações de poder que se estabelecem na vida cotidiana, não estando restritas ao campo das relações políticas formais (partidos políticos, instituições governamentais, etc.).

Dessa forma, a construção de um conhecimento coletivo e cientificamente aportado pela Sistematização pode influenciar a proposição de políticas públicas e práticas sociais mais amplas, como aprofundar a leitura de realidade acerca dos limites estruturais do modelo de sociedade vigente, buscando avanços com vistas a transcender a experiência a partir dos novos conhecimentos gerados, tendo como horizonte a transformação social.

“Sistematizar significa compreender com maior profundidade a interrelação entre os elementos que compuseram a experiência, em suas diferentes temporalidades. Quais foram os elementos constantes e os ocasionais, quais foram inter-

rompidos e o porquê disso, e quais as decisões e direções que criaram novas linhas de trabalho. A sistematização também nos permite observar os vazios ou problemas que vão se arrastando ao longo da experiência.

Democratizar as nossas capacidades de construir conhecimentos e sentidos é também um exercício de construção de poder, valorizando a voz e os saberes dos sujeitos implicados nas experiências e observando as coerências e contradições do processo, assim como suas continuidades e descontinuidades, não perdendo a dimensão da totalidade histórica e do contexto histórico-social no qual se está inserido. Esses são mais alguns aspectos que conformam essa abordagem metodológica que nos auxilia a olhar o passado para entender o presente e projetar o futuro.

Dentro disso, sublinho que a Sistematização, sendo um caminho de aporte para a (re)construção da teoria, deve sempre retroalimentar-se da prática, produzindo acúmulos que fortalecem a dimensão da historicidade e da construção de uma identidade coletiva, por meio de uma experiência participativa, cultivada e forjada a várias mãos, cuja responsabilidade é compartilhada entre os sujeitos políticos implicados.

Cabe ainda contextualizar que a Sistematização de Experiências tem origem no contexto da América Latina, como um produto do esforço para se construírem marcos próprios de interpretação, pautados nas condições particulares da realidade latino-americana, assim como na influência das perspectivas de transformação social que passam a ser dominantes no contexto teórico deste período, a partir de 1959, com o advento da Revolução Cubana, que abre um novo período histórico demarcado pelas lutas por libertação e por um projeto de sociedade pensado na realidade específica da América Latina, baseado na justiça social e na autodeterminação dos povos (Jara, 2018).

Nesse segmento, a Sistematização de Experiências acentua a negação de uma metodologia neutra, em oposição às correntes norte-americanas predominantes no período histórico anterior, assim como enfatiza a centralidade da prática cotidiana e do trabalho de campo profissional como fonte de conhecimento, atentando para a superação da dicotomia entre teoria e prática e a construção de um pensamento-ação sustentado e orientado pela rigurosidade científica.

Os cinco momentos metodológicos que integram o processo, propostos por Jara (2018), são: a) viver a experiência; b) formular um plano de sistematização; c) recuperar o processo vivido; d) fazer as reflexões de fundo; e) ter pontos de chegada.

Nesse sentido, a definição de critérios e princípios metodológicos devem estruturar a estratégia de trabalho a partir de uma lógica acumulativa, buscando, como resultado, uma transformação qualitativa em comparação à situação da qual se partiu. O metodológico, portanto, não se resume a um conjunto de técnicas e sim à estruturação de um sentido estratégico de toda a lógica do processo que se pretende impulsionar.

O ponto de partida, portanto, é viver a experiência e contar com registros desta, com isso, é possível a formulação de um plano de sistematização, no qual, dentre outras questões, é importante que o coletivo atente-se para estas questões: Para que queremos sistematizar? Quais experiências queremos sistematizar? Quais os aspectos centrais que nos interessam mais? Quais fontes de informação temos e de quais necessitamos? Que procedimento concreto vamos seguir e em que tempo?

Com o plano de ação formulado, abre-se campo para a etapa que condiz à recuperação do processo vivido, na qual se reconstrói a história da experiência e se ordenam e classificam as informações. As reflexões de fundo representam o momento central, representado pelo profundo processo de análise,

síntese e interrelações que dão margem às interpretações críticas do processo e nos permitem explicitar e formular as aprendizagens.

Por fim, a comunicação da experiência traz em si a dimensão de uma nova objetivação do vivido e sistematizado, o que, nas palavras de Jara (2018), enriquece ainda mais o processo de pensar e transformar a própria prática.

Dessa forma, os relatos de experiência apresentados a seguir podem vir a compor, futuramente, e de modo mais aprofundado, um exercício mais completo e complexo que caracteriza a Sistematização da Experiência na perspectiva de Jara, afinal, compreendo que as narrativas descritas nas próximas páginas celebram também o nosso direito à memória, por meio dos registros reflexivos que demarcam a luta pelo direito à educação e as interfaces entre educação e pesquisa ou educação e política, reafirma a relevância da formação contínua docente que fomenta o olhar crítico para a própria prática e a participação de todos os sujeitos envolvidos no contexto, entre gestão escolar, professores, estudantes e comunidade.

A evocação das memórias de aula nos ajuda, ainda, como exercício histórico, a alinhar, entre continuidades e rupturas, o direito ao nosso desenvolvimento integral como seres humanos, educadores e educandos, em um sistema educativo permeado por injustiças e desigualdades estruturais, mas capaz de propiciar processos formativos questionadores que considerem a utópica inteireza dessas relações, ajudando-nos a desobstruir, coletivamente, o que impede o florescimento de nossos potenciais na vida e reprime nossas aspirações por formas mais humanizadas de vivermos e aprendermos, profunda e criticamente, juntos.

Referências

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. 2 ed. Brasília: MMA, 2006.

JARA, Oscar. **La sistematización de experiencias:** práctica y teoría para otros mundos políticos. Bogotá: Centro Internacional de Educación y Desarrollo Humano (CINDE), 2018.

PARTE I

Registros Reflexivos

Olhar e registrar: memórias para marcas de letramentos

por Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli³

O registro etnográfico dos encontros do projeto Futures Literacy envolveu observar, na escola em que este foi realizado, a dinâmica do grupo de professores e do grupo de estudantes, em distintos momentos, atuando separadamente ou em conjunto. Atentar para o evidente, o que se mostra facilmente, com os gestos, as dúvidas e as opiniões expressas nas respostas aos questionamentos, talvez seja a parte mais simples e fácil dessa tarefa. No entanto, observar com cuidado aquilo que não se verbaliza (o silêncio que fala), mas que se mostra nas expressões faciais, na postura dos corpos, nos olhares e entre-olhares, exige o exercício permanente da educação do olhar de quem registra, abrindo mão das formas que nos acompanham desde quando fomos ensinados que há jeito certo e normas para se ver, para o olhar.

Como um apreciador de arte, que observa minuciosamente um quadro, ora se aproximando, outra se afastando, e que busca captar, nos traços, nas cores, no conjunto da obra, no concreto e no abstrato, a expressão do artista, trabalha-se no registro etnográfico. Um labor permanente de atenção, de olhar o aparente e o submerso, o dito e o silenciado, o que se revela à flor da pele e o que se esconde muito abaixo dela, o que as pessoas escutam e o que parecem não entender, o que se revela nas texturas, nos odores, nos saberes e nos sabores, no conhecido e no estranhamento. E aqui me agarro às palavras de Mirian Martins (1996, p. 21), quando nos fala sobre o

³ Doutoranda no PPGEDU/UCS, mestre em Administração pela UFRGS, membro do corpo colaborador no projeto Futures Literacy no Contexto da Educação Básica. Docente do IFRS Caxias do Sul, contemplada com fomento para afastamento para qualificação.

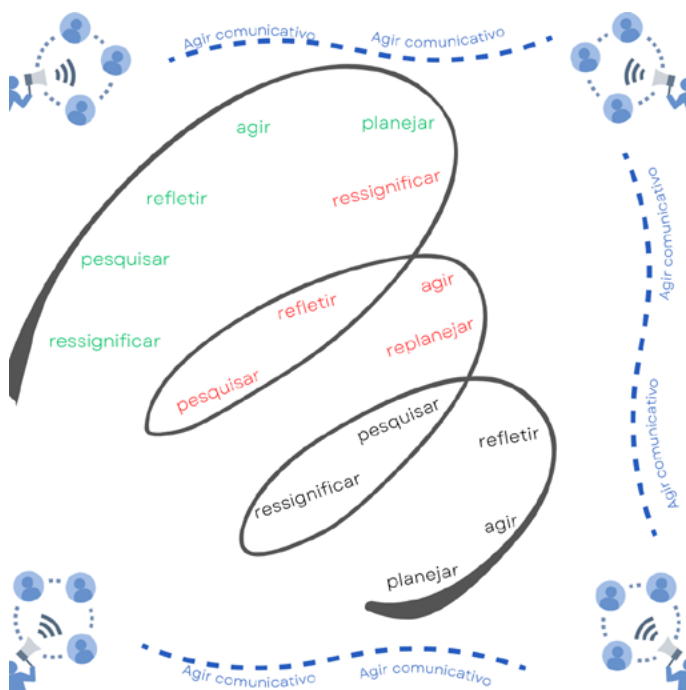
sensível olhar-pensante, o olhar da sensibilidade, da afetividade, que “pensa, reflete, interpreta, avalia”, para o qual nossas “formas não têm serventia.

Mas registros *por quê?* *Para quê?* *Para quem?*

Os registros permitem ao leitor, por meio da narrativa de quem observou, para além do acesso à memória do encontro, a reflexão sobre o processo de construção do conhecimento, o aprendizado a partir das relações que se estabelecem, nas diferenças e semelhanças, o amadurecimento no processo e o acesso a novos saberes e significados. Como nos lembra Madalena Freire Wffort (1996, p. 41), A escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. Para a autora, o registro escrito amplia a memória e historiciza o processo, em seus momentos e movimentos, na conquista do produto de um grupo” (Wffort, 1996, p. 41).

Ao considerarmos que a pesquisa em educação nos faz refletir sobre a prática na escola, e, como nos apresenta Maria Amélia Santoro Franco, o saber que dela decorre transforma o sujeito e a prática, entendo que nossos registros (memórias dos encontros) do projeto Futures Literacy contribuíram em dois aspectos fundamentais na formação-investigação a que o projeto se propõe: o agir comunicativo e as espirais cíclicas, ilustrados na Figura 1:

Figura 1 – Agir comunicativo em espirais cíclicas.



Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir de Franco (2005).

O agir comunicativo nos é apresentado por Franco (2005) como o modelo essencial no exercício da pesquisa-ação enquanto investigação formativo-emancipatória. Mas de que agir é esse do qual fala a pesquisadora? O agir do compartilhar de saberes, da relação dialógica, do transitar entre papéis de pesquisador a participante ou de sujeito de pesquisa a pesquisador, sem, no entanto, abrir mão do papel prioritário.

As espirais cíclicas aquele exercício contínuo de planejar, agir, refletir, pesquisar, ressignificar, voltar a planejar, agir a partir do que mostrou o grupo, refletir sobre as ações, aprofundar a pesquisa, tornar a ressignificar... (Franco, 2005) – possibilitam que se revise o que se viveu, o que está em

construção pelo grupo, as práticas e o seu significado, o que pode ou precisa ser mantido, mas também do que é preciso abrir mão para estar em movimento, impulsionar e evoluir no processo. Movimento, impulsão, evolução, ciclos em espiral.

Acredito que as memórias dos encontros, em suas observações, dados, registros escritos e fotográficos, contribuíram *pari passu* com as cartas de aula, forma de expressão do planejamento dos encontros, para a contextualização e a discussão do vivido, o saber construído e compartilhado, no agir comunicativo das espirais cíclicas do processo de formação-investigação do projeto. Ademais, busco apoio nas palavras de Franco (2005, p. 499), quando nos fala que, ao realizar o processo reflexivo de coleta, registro, discussão e contextualização dos dados, [...] já se está caminhando para a construção de saberes e para seu compartilhamento, num processo único, dialético, transformador dos participantes e das condições existenciais.

Sobre ser desafiada e desafiar-se

Contribuir para o projeto Futures Literacy, tendo eu ingressado em setembro de 2022, realizando os registros a partir do décimo encontro, foi desafiador de várias maneiras. Estando o projeto já em andamento, tive a sensação de será que cheguei muito tarde?, também o fato de observar professores, sendo eu uma professora, fez-me pensar sobre o compromisso do olhar responsável, sem julgamento de valor, olhar atento, com a consciência da minha bagagem afinal, como alerta Marilena Chauí (1988, p. 35), Quem olha, olha de algum lugar para que ela não se sobrepusesse ao objeto que pretendia mirar.

Nessa empreitada que me foi proposta, estive ao lado da acadêmica Emily Melo Martelo. Observar e escrever em conjunto revelou-se, além de prazeroso, fundamental para a efetivação do processo, para que pudéssemos lidar com os desafios e realizar as entregas necessárias, fazendo jus à

alegria sentida e à responsabilidade que veio com o convite recebido dos professores Nilda Stecanela e Mateus Panizzon, coordenadores do projeto.

“Mediados pelo registro, deixamos nossa marca no mundo” (Weffort, 1996, p. 41), e se essas palavras forem verdadeiras, como acredito que são, espero que os registros que fizemos possam contribuir para a reflexão sobre a busca e a efetivação dos letramentos no futuro. Que as marcas que eles venham a deixar a quem os acessar sejam, pelo menos, equivalentes às marcas que levamos conosco por termos participado do projeto e feito parte de suas tecituras.

Referências

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. *In*: NOVAES, Adauto (Org). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 31-65.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 483-502, set. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300011>. Acesso em: 26 abr. 2023.

FREIRE, Madalena. Importância e função do registro escrito, da reflexão. *In*: FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996, p. 41-44.

MARTINS, Mirian Celeste. O sensível olhar-pensante. *In*: FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996, p. 20-37.

Os princípios da pesquisa: aprender a olhar, escutar e escrever

por Emily de Melo Martello⁴

Dou início a este texto expressando que a minha primeira experiência com pesquisa começou por meio da Bolsa de Iniciação Científica (BIC-UCS), em agosto de 2022, no projeto Futures Literacy no Contexto da Educação Básica, oportunizado pelo Edital FAPERGS SEBRAE/RS nº 03/2021 Programa de apoio a projetos de pesquisa e de inovação na área da Educação Básica (PROEdu), Modalidade A – Projeto de Pesquisa.

Logo no começo fui convidada a participar do projeto como colaboradora júnior, juntamente com pesquisadores seniores, e a partir disso compreendi que se tratava de uma identidade de pesquisadora em formação, em constante processo de construção. Importante situar que ingressei no projeto na sua segunda fase, no segundo semestre de 2022, no mês de setembro, momento em que o trabalho envolveu, também, a participação dos estudantes juntamente com os professores.

Desde o princípio, tudo se mostrou muito novo e desafiador, pois eu ainda estava em adaptação da transição do Ensino Médio para o Ensino Superior, no curso de Psicologia. Ao participar dos primeiros encontros, junto com a equipe de pesquisa, percebi um universo completamente diferente do que estava acostumada, com muitos termos e conceitos aos quais não estava habituada. Apesar do estranhamento, não recuei da curiosidade de conhecer os propósitos do projeto voltado para a Futures Literacy, com base em um processo de

⁴ Acadêmica de Psicologia pela UCS, bolsista de Iniciação Científica pelo Programa BIC/UCS, integrante do corpo colaborador no projeto Futures Literacy no Contexto da Educação Básica.

formação-investigação por meio do uso pedagógico da pesquisa na escola e da estratégia de Futures Thinking.

No início do projeto, uma mistura de sentimentos tomava conta de mim, o medo pelo desconhecido, a vontade de aprender, a curiosidade de conhecer algo novo e, principalmente, a insegurança por conta da inexperiência. Mesmo assim, eu desejava contribuir para o desenvolvimento do projeto de pesquisa ao qual eu me integrava. Durante a minha trajetória na pesquisa, ficaram evidentes as minhas dificuldades nos gêneros textuais mais básicos, como é a descrição. Descrever com detalhes o que eu observava e o cotidiano da formação-investigação que era desenvolvida na escola-cenário se constituiu em um desafio, pois o dilema era decidir os elementos mais importantes para colocar no papel, o que para mim parecia sem importância, mas, no âmbito da pesquisa, passaria a ser uma informação para a tematização.

Desde o Ensino Fundamental, aprendi que eu deveria “escrever bonito e certo”, o que ninguém nunca me ensinou; em meio a tantas regras de gramática, meus textos deveriam apresentar título, início, meio e fim, o que já me deixava nervosa desde a introdução, pois eu não sabia nem por onde começar, quem dirá desenvolver o meu pensamento. Acredito que foi a partir daí que as minhas dificuldades com a escrita começaram. Sem falar na leitura – eu sabia que precisava ler, mas não conseguia nem escolher um livro que gostasse para sequer tentar. Mário Osório Marques (2006, p. 15), em seu livro *Escrever é preciso*, expressa plenamente o meu sentimento: “Assim fomos ‘alfabetizados’, em obediência a certos rituais. Fomos induzidos a, desde o início, escrever bonito e certo. Era preciso ter um começo, um desenvolvimento e um fim predefinidos. Isso estragava, porque bitolava, o começo e todo o resto. Em convite feito ao seu leitor, Marques (2006, p. 15) escreve que “necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos

em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar.

Para o desenvolvimento do meu papel como colaboradora no projeto, na realização dos registros etnográficos, a observação foi uma das primeiras habilidades que precisei colocar em movimento no meu “caderno de notas”, além das dúvidas que surgiam. Por meio da pesquisa, precisei fazer uma busca sobre o que é um caderno de notas e qual o seu papel como instrumento do pesquisador, mesmo sendo uma pesquisadora júnior, como é o meu caso. Assim, encontrei em Bachelard (1988, p. 96) um sentido para o registro de “notas” em uma perspectiva etnográfica, pois, segundo o autor, o suporte caderno de notas é comumente o primeiro anteparo para uma ideia em processo, raciocínio por imagens que vai se materializando sobre a(s) folha(s) branca(s). A imagem (poética ou não), em seu nascedouro, é um fenômeno importante, pois emerge na consciência com um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade.

A minha participação, exigia um olhar especial da minha observação e de uma escuta sensível daquilo que era manifestado nos encontros, mas também daquilo que repercutia na relação dos participantes com as atividades propostas em cada encontro. O registro do que eu observava de modo mais fiel possível ao que perpassa as relações estabelecidas nos encontros constituía um grande obstáculo, especialmente quanto à relação entre o tempo da observação e o tempo do registro. Essa percepção evidencia a importância dos registros etnográficos na educação. Como destaca Fonseca (1999), a pesquisa etnográfica é importante para compreendermos o ambiente educacional, pois nesse meio são ilimitados os processos de aprendizado, comunicação e inter-relação entre os pesquisadores e os participantes.

A etnografia, quando bem utilizada pelos pesquisadores educacionais, dá o suporte necessário para que a pesquisa

educacional tenha relevância, busque problemas e sugira resultados concretos, e, por conta da multiplicidade que permeia o ambiente escolar, entende-se que não basta teorizar essas problemáticas, mas identificar e contribuir para a melhoria desse espaço como um todo. Nas palavras de Fonseca (1999, p. 58), A etnografia é calcada numa ciência por excelência, do concreto”. O ponto de partida desse método é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo. É, de certa forma, o protótipo do “qualitativo”. Ainda, segundo Fonseca (1999, p. 59), trata-se de dar ênfase aos aspectos qualitativos que estão presentes no cotidiano e no subjetivo, pois a educação é entendida como um ato de comunicação, de diálogo, e eventualmente de orientação. A autora acrescenta que seu interesse é o de pensar o método etnográfico como instrumento que pode enriquecer a intervenção educativa quer seja de um professor com seus alunos da terceira série, a enfermeira com seu paciente ou o assistente social com seu cliente, de modo a promover o diálogo entre o agente e o seu interlocutor, pois “é nessa área de comunicação que o método etnográfico atua”.

O processo de formação-investigação desencadeado na pesquisa que eu me envolvia tem sua fundamentação com base na pesquisa-ação em contextos educativos desenvolvidos por Maria Amélia Santoro Franco (2014) no texto *A pesquisa-ação na prática pedagógica: balizando princípios metodológicos*, em que afirma que o processo de formar, conscientizar, coletivizar e partilhar acaba sendo tão importante quanto a construção de conhecimento decorrente do processo. De acordo com Franco (2014), ao mesmo tempo em que se trata de pesquisa, implica a construção rigorosa de conhecimento, mas é também formação, portanto requer a participação ativa dos sujeitos na prática. O ideal é que os próprios participantes elaborem os registros e, ao início de cada encontro, seja feita a leitura no coletivo com as possíveis complementações que se fizerem necessárias. No entanto, neste projeto isso não foi possível

por vários motivos, como as dinâmicas do cotidiano da escola, o tempo dos professores, a rotina cansativa em um ano de retorno integral às aulas presenciais no período pós-pandemia e as preocupações com a recuperação das aprendizagens perdidas. Mesmo assim, podemos concluir que o processo desencadeado foi válido, pois um acervo com o planejamento dos encontros por meio de cartas de aula era acompanhado do arquivo com as memórias de aula, disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do curso e entregue de modo impresso no início de cada encontro.

Trago aqui, novamente, Mário Osório Marques (2006, p. 30), quando expressa que

Escrever é o começo dos começos. Depois é a aventura. Uma mochila com alguns poucos pertences do ofício artesanal, uma bússola, vale dizer um título que resuma o problema, ou tema, e a hipótese de trabalho. Uma lâmpada para iluminar os caminhos à medida que se apaga a luz do dia. E desse jeito que a teoria ilumina e conduz a prática, mas só quando a própria prática a deslocou para a situação a que deve servir e produzir adequada.

Esse autor traduz o que sinto e, também, o que sinto que preciso, ou seja, desenvolve minha escrita a partir de minha percepção. Durante os processos da pesquisa, compreendi que escrever é como navegar pelo desconhecido com uma mochila vazia e uma folha em branco, e ao longo da viagem vamos admirando as paisagens e conhecendo o lugar, enchendo a mochila de conhecimentos e aprendizados.

Mas isso ainda não é suficiente, pois Marques (2006, p. 30) refere que

de saída não se pode saber quais são nossos interlocutores. Surgirão eles durante a caminhada. Isso faz parte da aventura. Falamos aí atrás da gramática e do dicionário. Este, de modo especial, não pode ficar fora da mochila. Quem escreve, como quem lê, não pode

ficar sem um bom dicionário, bom como o do mestre Aurélio, sempre à mão, disponível.

Ao contemplar o caminho percorrido, percebo que a minha experiência no projeto Futures Literacy foi extremamente importante e desafiadora para a minha formação, tanto pessoal quanto discente, pois em diversos momentos me proporcionou sair da zona de conforto e aprender a navegar pelo desconhecido, diante de perguntas sem respostas prontas, aprendi a buscar o conhecimento por meio da pesquisa e aprender a utilizá-lo gradativamente.

Expresso meus agradecimentos à equipe de pesquisadoras, pela oportunidade e pela confiança depositada em mim, mesmo que, muitas vezes, nem eu acreditasse no meu potencial. São pessoas que, sem dúvidas, foram essenciais para o meu desenvolvimento nessa trajetória de muitos aprendizados. Também agradeço à escola-cenário, onde a pesquisa foi desenvolvida, pelo acolhimento e pela receptividade durante cada encontro e por possibilitar a minha aprendizagem do olhar, na educação do olhar da observação, conforme ensinamentos de Madalena Freire Weffort (1996, p. 10), para o “olhar que envolve ATENÇÃO e PRESENÇA”. Mas não é qualquer atenção, e sim uma atenção que implica “generosidade” e “envolve sintonia consigo mesmo, com o grupo” (Weffort, 1996, p. 10). Além disso, segundo a autora, exige “concentração do olhar” para a escuta de silêncios e ruídos na comunicação. Assim, O ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar. Por isso é uma aprendizagem e exige a educação do olhar da observação, haja vista que não fomos educados para a escuta. Em geral não ouvimos o que o outro fala, mas sim o que gostaríamos de ouvir. Neste sentido imaginamos o que o outro estaria falando. Não partimos de sua fala, mas de nossa fala interna. Reproduzimos desse modo o monólogo que nos ensinaram (Weffort, 1996, p. 10).

Por fim, acredito que parte dos limites citados por Madalena Freire foram superados e grande parte das potencialidades associadas à educação do olhar pautados pela autora passaram a integrar meus percursos na Iniciação Científica, na trajetória acadêmica e, possivelmente, na minha futura atuação profissional.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, abr. 1999. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000100005&lng=pt&nr m=iso. Acesso em: 05 set. 2023.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. A pesquisa-ação na prática pedagógica: balizando princípios metodológicos. *In*: STRECK, Danilo; SOBOTKA, Emil A.; EGGERT, Edla. **Conhecer e transformar: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional**. Curitiba: CRV, 2014. p. 217-236.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5. ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2006, p. 15-30.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o Olhar da Observação Aprendizagem do Olhar. *In*: WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro, Reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. (Instrumentos Metodológicos, v. I).

Reflexões sobre o Projeto Futures Literacy no contexto da Educação Básica

por Vagner Zulianelo⁵

A necessidade de formação continuada docente é indiscutível, especialmente em um contexto subsequente à pandemia que vivenciamos. Além disso, o cenário educacional contemporâneo demanda novos olhares e evoca o protagonismo dos professores de modo que eles estimulem o protagonismo dos estudantes, considerando a complexidade desse processo e as barreiras a serem superadas. Dessa forma, promover uma formação que atenda, de fato, a necessidades reais do cotidiano escolar é uma tarefa complexa, especialmente considerando as especificidades que vivemos durante o ano letivo de 2022.

O retorno integral à presencialidade, somado aos resquícios do período de afastamento social ocasionado pela pandemia, trouxe à tona diversos desafios à educação. Mais do que a recuperação e a recomposição das aprendizagens, as questões psicológicas, comportamentais e de relacionamento se apresentaram como demandas latentes, e lidar com isso exigiu considerável energia, esforço e preparo dos docentes. No entanto, falar em preparo também é complexo, pois, assim como foi em 2020, a atipicidade da situação acabou fazendo com que boa parte da preparação acontecesse pela vivência prática.

Nesse sentido, a proposta do projeto *Futures Literacy no Contexto da Educação Básica* mostrou-se uma alternativa interessante para auxiliar no enfrentamento das situações elencadas. A partir do momento em que paramos para pensar

⁵ Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), integrante do corpo colaborador no projeto Futures Literacy no contexto da Educação Básica.

em futuros tendo por base o presente, o campo de visão é ampliado. Com o projeto, os professores tiveram momentos qualificados para expressar e compartilhar angústias e percepções que viviam em sala de aula, tendo como pano de fundo a preocupação com os estudantes e suas aprendizagens, ratificada pelas falas e pelas reflexões que foram feitas. Além disso, o projeto trouxe a oportunidade do planejamento pedagógico entre professores e estudantes, além da realização de atividades em conjunto.

É possível afirmar que esse movimento foi uma inovação de práticas, um pontapé inicial que permitiu vislumbrar novas possibilidades no ambiente escolar. De forma concomitante, causou uma ruptura positiva e trouxe desafios para pensar na promoção de mais momentos assim, considerando os ritmos, os tempos e os espaços tradicionais. Vale sublinhar que contar com a colaboração dos profissionais externos, capacitados e ligados ao projeto, foi importante para ampliar horizontes, o que não desqualifica o corpo docente da escola, pelo contrário, é um movimento de somar esforços em busca da qualificação das práticas pedagógicas.

É clichê, mas pode-se afirmar que todos os participantes finalizaram a caminhada diferentes do início dela, uma vez que as vivências, a formação e o trabalho desenvolvido, em virtude do projeto, colaboraram para resgatar, reafirmar e ressignificar ações nos diferentes âmbitos.

Em 2023 haverá a revisitação da proposta pedagógica da escola, e os aprendizados promovidos pelo projeto estarão presentes durante todo o trajeto, considerando o resgate da importância da utilização das metodologias de aprendizagem ativas, o trabalho em grupo, o compartilhamento de saberes que valorizam o conhecimento, a sensibilidade e o olhar atento dos professores e dos estudantes, a produção coletiva e colaborativa bem como o resgate das interações e relações, tão prejudicadas pela pandemia.

Por fim, a partir do projeto *Futures Literacy no contexto da Educação Básica*, três subprojetos relevantes foram elaborados e entrarão para o planejamento dos professores e da escola à medida que forem possíveis os seus desenvolvimentos. Além disso, em virtude do engajamento de todos, progredimos pedagogicamente e como seres humanos, legitimando o sujeito aprendente que somos e nunca deixaremos de ser.

Na condição de membro da equipe diretiva e integrante do corpo de colaboradores no projeto, posso dizer que busquei promover as pontes e estabelecer as conexões entre as culturas escolares e suas dinâmicas e as culturas acadêmicas e próprias de um projeto com características de formação-investigação como foi o *Futures Literacy*. Em ambas as funções desempenhadas, acredito que a interação promovida colaborou na efetivação dos propósitos do projeto bem como aproximou as expectativas e demandas da escola.

PARTE II

Futures Literacy no contexto da Educação Básica

Fase I: Professores

O processo de formação-investigação com os professores

O projeto Futures Literacy contemplou duas fases.

Na **Fase I**, ocorrida no período de março a setembro de 2022, o processo de formação-investigação foi desenvolvido com os professores da EMEF Caldas Júnior. Ao longo de dez encontros presenciais e algumas atividades a distância, que envolveram 40 horas de formação, os professores dos Anos Finais da escola se envolveram em conhecer o projeto *Futures Literacy no Contexto da Educação Básica: um caminho possível para a implementação da BNCC, estímulo ao empreendedorismo e à inovação* – ProEdu – Edital Fapergs Sebrae/RS nº 03/2021.

Foi um período de reflexão sobre os desafios da educação contemporânea, especialmente no período da pandemia de Covid-19 e retornos às aulas presenciais, em uma perspectiva de formação-investigação.

Os professores refletiram sobre as suas práticas e a relação pedagógica protagonizada, a qual envolve o conhecimento escolar, as metodologias de ensino, a legislação acadêmica e os atores direta ou indiretamente envolvidos: alunos, professores, gestores das políticas educacionais locais, familiares, comunidade em geral.

Além disso, foram sistematizados os conteúdos das reflexões e, com base nas seis etapas da abordagem Futures Thinking, construídos três projetos didáticos, na forma de cartas-projeto, endereçadas aos estudantes e à comunidade escolar. Os projetos foram assim intitulados:

Carta-projeto do G1: Por que misturar se o melhor é separar?

Carta-projeto do G2: Quanto tempo o álcool te dá!

Carta-projeto do G3: Para além do ego!

Figura 2 – As seis etapas da Futures Thinking.



Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Para o desenvolvimento do projeto, em ambas as fases foram adotadas as seis etapas da Futures Thinking para desenvolvimento da Futures Literacy: Think, Define, Gather, Analyse, Reflect e Act, apresentadas na Figura 2.

Nas próximas páginas, são apresentadas as memórias dos encontros realizados com os professores.

Boa leitura!

Memória de Aula: Fase I Encontro Um de 20 a 26 de abril de 2022 Remoto

Explicitando concepções, estabelecendo vínculos, nos conhecendo

por Nilda Stecanela

O primeiro encontro da formação investigação ocorreu de modo remoto, cujo contato com os professores foi realizado por meio do que denominamos “carta de aula”, na qual retomamos as combinações feitas no final do ano anterior, de modo *online* síncrono pela plataforma Google Meet, momento em que foi formalizado o convite para a escola e o corpo docente participarem do projeto, assim como apresentada a equipe.

A carta de aula deste encontro foi impressa, envelopada e dirigida a cada professor participante do projeto, contendo também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser preenchido e assinado com os dados de cada um. Além disso, continha um *link* para acesso a um formulário *online*, por meio do recurso ao Google Forms, cujo objetivo era levantar as concepções de educação e docência do grupo, os principais desafios da educação contemporânea, bem como promover um quebra gelo, mas também convidando à navegação no Ambiente Virtual de Aprendizagem criado para acolher os materiais e as interações do grupo.

Um fórum interativo foi criado neste encontro, e os colaboradores do projeto também participaram se apresentando. Nem todos os professores acessaram o fórum para se apre-

sentar, e alguns demoraram muitas semanas para acessar o convite feito.

As interações feitas pela maioria dos professores da escola, no formulário Google Forms, foram compiladas e apresentadas no encontro dois.

Memória de Aula:
Fase I Encontro Dois
30 de abril de 2022 Presencial

**Os referenciais curriculares para
a Educação Básica: os velhos e os
novos desafios da prática docente
contemporânea**

por Fabiana Kaodoinski e Nilda Stecanela

O encontro aconteceu no refeitório da escola, numa sexta-feira à tarde, após o intervalo do recreio, dia em que os alunos são liberados mais cedo e os professores usam o tempo das 16h15 às 17h45 para planejamento coletivo. Quando chegamos à escola, havia uma movimentação de estudantes finalizando o lanche servido no espaço onde aconteceria a reunião. Os professores estavam na sala dos professores fazendo seu lanche. No espaço externo, havia muitos carros de familiares que buscavam seus filhos e adolescentes se deslocando a pé para suas casas. Anexa ao refeitório, havia uma sala de aula destinada a uma turma de Pré-Escola, cuja professora e as crianças transitavam pelo espaço do refeitório para acessar a referida sala.

Ao chegarmos à escola, nossa equipe foi recebida pelo vice-diretor, que também integra o corpo colaborador do projeto. Nos instalamos no espaço destinado à reunião, organizamos a apresentação pelo computador e pelo projetor e disponibilizamos as cadeiras de plástico que estavam empilhadas no canto em um semicírculo. Também organizamos o material solicitado para a realização da dinâmica inspirada na metáfora da Árvore da Vida.

Aos poucos os professores foram chegando e se acomodando nas cadeiras.

O encontro foi iniciado com as palavras do vice-diretor, que deu as boas-vindas ao grupo. Esse foi o primeiro contato presencial com o grupo. Já havíamos tido um momento no final do ano de 2021 para formalizarmos o convite e os professores manifestarem a concordância em participar do projeto, bem como um encontro virtual para levantamento de concepções e expectativas, mediado pelas ferramentas do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) organizado para o curso.

Importante situar que antes disso o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade de Caxias do Sul (UCS), obtendo parecer favorável para a sua realização, bem como foi gerado *link* para as inscrições no curso de formação-investigação na Extensão da UCS, assim todos os participantes tinham acesso ao AVA.

Em seguida, a professora coordenadora do projeto fez a abertura do evento com explanação sobre a equipe e os objetivos do projeto.

Na sequência, foram apresentadas as sistematizações dos instrumentos de levantamento de concepções enviado previamente ao grupo por meio de formulário Google Forms. Aspectos como a relação com a docência, a participação da família, o interesse dos estudantes e os aspectos socioemocionais dos estudantes no retorno às aulas presenciais foram evidenciados nas narrativas dos professores, além dos sentidos atribuídos à escola, ao ensinar e ao aprender.

Para dar continuidade ao processo de sensibilização previsto no planejamento do encontro e da formação-investigação, foi feito o convite para os professores representarem uma Árvore da Vida, as suas árvores da vida, com base na metáfora homônima, cujos detalhes encontram-se descritos

na carta de aula do encontro entregue de modo impresso e disponível no AVA da formação.

Vários materiais foram disponibilizados para estimular a criatividade dos professores, que os usaram com muita desenvoltura – papel crepom, tesoura, cola, canetas coloridas, folhas de revistas, entre outros –, tudo registrado em fotografias disponíveis no acervo do projeto. Alguns professores foram ao pátio da escola buscar folhas de vegetais e incrementaram suas árvores com elementos vivos. Um painel de papel pardo foi colado na parede do refeitório para acolher as múltiplas árvores construídas. Após esse movimento, os professores foram convidados a falar sobre as suas árvores da vida e as afixarem no painel. Várias narrativas emergiram nas reflexões coletivas que ecoaram da atividade, as quais são reproduzidas, em parte, a seguir, indicando uma inquietação e ânsia de transformação.

Importante situar que no ano de 2022 ocorreu a consolidação do retorno presencial às aulas, após dois anos de distanciamento social, com algumas tentativas de retorno presencial e recorrente suspensão das aulas presenciais.

Professora: Estou em um momento de busca de transformação, pensando em para onde ir, o que fazer. O que quero para mim, para a minha vida. É de prazer e desânimo. Estou buscando, essa busca que mexe. O tronco mostra que deixo coisas. Seguir adiante, ter novas perspectivas, mudanças. A espiral é a ideia de continuidade. As raízes, umas dentro, outras fora, não consigo fixar, tirar ali de dentro.

Facilitadora: Percebe-se uma dimensão de busca, mas também uma dimensão de encontro, e isso minimiza a frustração, aproxima do senso de realização, de produção dos sentidos do fazer, da própria existência. O ponto de partida é que o hoje construído aponta para um futuro desconhecido. As raízes indicam busca por outros pontos de sustentação.

Professora: Às vezes estamos cozinhando uma massa e tiramos a tampa.

Facilitadora: Tirar para fora é um momento de decompressão. Aliviar a pressão compartilhando um pouco dos conflitos que emergem.

Professora: É um momento de angústia e de desesperança, mesmo que o professor seja parte de um grupo em que o esperar faz parte da nossa profissão. Só quem está na escola sabe o que está acontecendo depois da pandemia. Estamos na escola sempre esperando o melhor do mundo e das pessoas, e o melhor parece cada vez mais distante. Despertar as humanidades é necessário, e nem sempre acontece, mesmo que a pandemia tivesse trazido essa possibilidade. Vivo um momento de desesperança e me sinto em um labirinto sem saída. Em várias dimensões vejo minha filha, colegas, professores adoecendo. A gente abriu a caixa de pandora.

Professora: Acho que nunca vivenciamos o caos. O caos é necessário para mexer com o que nos deixava acomodado.

Facilitadora: As máscaras abafaram a nossa voz. A escola sempre foi convergência do que se passa na humanidade, na sociedade.

Professora: A minha árvore tem uma raiz comprida. Isso nos deixa em pé. A imagem conflituosa representa meu ponto interno e externo (famílias, alunos). Representei meu filho, superação dos obstáculos da vida. É necessário polinizar para ter frutos e deixar sementes para serem aproveitadas mais adiante. A semente frutificará. Esse é o sentido da vida, deixar algo para as futuras gerações.

Professora: Na pandemia, a guerra vira desculpa para tudo o que há de representação de nós como seres humanos. Nos sentimos muito sozinhos, embora nos encontremos com as pessoas. Somos reféns da política, e estou falando de política no macro. Tenho que me sujeitar à instituição privada para não ser demitida. Nunca imaginei tantos retrocessos nos espaços civilizatórios... tudo o que se perdeu de avanço. Tem gente aqui que não vai ver [...]. Quanto deixei na minha vida... A instituição quer nos encher de burocracia para evitar esses

momentos de reflexão. Acho sério o que se vive em termos educacionais. Quero parar [me aposentar] pela desolação. Sobre a minha árvore, alegoria do outono, inverno pela frente, voo solitário, mesmo que nos solidarizemos. O restante te sufoca e tenta te dilacerar o tempo todo. A pandemia é usada por esses que nos fazem reféns, como desculpa para determinadas coisas. No centro está a questão humana. Às vezes me questiono se é a idade que nos faz sermos ranzinzas.

Professora: A minha árvore é azul e rosa por causa da utopia. Coloquei as borboletas, os pais, ao lado os profes, as frutinhas. Limão azedo é uma utopia. Banana, enlouquecer, burocracia. Construção do caule com as famílias pensando nos estudantes, há um ideal.

Professor: A minha árvore mostra que há um chão e tempo, sol, chuva, viver o paradoxo entre o desafio e a possibilidade, fio do desafio de lado. Distanciamento, mas chega às flores. Gestão enfrenta um desafio muito grande. Como apoiar? É preciso ter suporte, não só gestão burocrática, mas gestão do cuidado.

Professora: A minha árvore foi feita de degraus, porque, mesmo sendo uma subida, em linha reta, é uma coisa, mas, em degraus e percalços, traz dificuldades. Na base está a família, as relações, a sociedade. Isso irá alimentar persistência, resistência, amor, muito amor. Com riscos envolvemos o nosso universo todo. O caule é a sustentação, para que consigamos desenvolver o potencial, o nosso trabalho, e a diversidade aparece espontaneamente. Para conseguir atingir, há a palavra “conquistas”, para chegar ao que se espera e fazer a diferença.

Professora: Minha base está em Deus, família, minha história, encontrar algo faz você estar bem consigo mesmo. Minha vida, meu sol, é minha base. O colorido é um crescimento contínuo. Na seiva da árvore há os nutrientes, história pessoal e formação profissional. Avanços, desafios, quedas, retrocessos. Reconhecimento e encontro de realizações, seguranças que vêm de uma postura e história de vida, em relação ao que agi ou fiz. Jogar as sementes, construir uma

história, ter a árvore e fazer florir. Concretização, azul do sol, base sólida para não cair, não retroceder. A vida é isso, é crescimento. Há descrenças, há questões políticas.

Facilitadora: Temos que trabalhar gradativamente com as forças que estão próximas, aos moldes da metáfora dos anéis de saturno, cujo magnetismo vai mantendo, do mais próximo ao mais distante, todos conectados ao núcleo.

Foi um momento muito rico, com produção de narrativas catárticas que representavam os sentimentos do vivido na pandemia, da perspectiva que cada um(a) observava e sentia o contexto e se posicionava de modo individual como ser humano, mas também no coletivo, associando o papel da docência e da instituição escola à realidade experienciada.

O tempo do encontro se esgotou e alguns participantes não apresentaram suas cartas. O painel ficou exposto na escola até o próximo encontro, quando seria oportunizado aos demais colegas falarem de suas árvores da vida representadas. O conjunto das árvores da vida compôs um jardim, caracterizado por alguns como um bosque, o bosque da escola, e convertido em um vídeo com animação editado pela equipe do Centro de Inovação e Tecnologias Educacionais (Cinted) da UCS, unidade apoiadora do projeto.

Memória de Aula: Fase I Encontro Três 06 de maio de 2022 Presencial

A formação continuada, em contexto, em serviço e a implementação da BNCC e do DOCCX: dimensões da pesquisa-ação e alianças para a formação-investigação

por Fabiana Kaodoinski e Nilda Stecanela

O encontro iniciou dando continuidade ao que ficou pendente no anterior, com a fala dos professores que ainda não haviam apresentado a sua Árvore da Vida, cuja imagem constava no painel ainda presente na parede do refeitório da escola, local onde a reunião foi realizada.

Professor: A nossa árvore é meio que uma árvore do sertão. Diante de tantos problemas, tenho esperança de que a árvore fique mais verdinha, com águas, nutrientes, sol.

Professora: Estamos buscando uma nutrição, com outros elementos, a joaninha, que faz a polinização para produzir os frutos, que vão culminar com as sementes, a nutrição e os outros seres. A árvore assume múltiplos significados em diferentes culturas e temporalidades.

Várias narrativas foram produzidas referindo-se aos sentimentos e às percepções do grupo, ecoando a sistematização das interações dos participantes relativamente à sistematização do instrumento disponibilizado no primeiro encontro (remoto) que tratava das percepções sobre os desafios da educação contemporânea.

Professora: Precisamos regar. É preciso que os alunos queiram o sol e a água, que tenham o desenho, o sonho, não que estes sejam “colocados”.

Professora: Que as políticas educacionais se revertam em sonhos das famílias, da sociedade.

Professora: Sou muito esperançosa. Sempre tive esperança, mas essa esperança está apagada. Temos visto falta de apoio e suporte desde a família, em que a escola não tem sido prioridade na vida dos estudantes. Profe, eu tenho que ir para a festa.... Na árvore está o suporte, que é o sol, mas estamos vendo que a educação no país está sendo desmantelada, as verbas diminuindo, as políticas públicas cada vez menores. Nesse sentido, penso que deveria ter uma força coletiva, começando na família, na escola, no governo.

Professora: Cabe fazer aliança. Não é um anel esparramado.

Professora: É isso que percebemos. Parece que temos um objetivo, uma meta que para eles (os estudantes) não têm o mesmo valor. Parece que o prazer de conhecer é fútil. Os poucos tipos de prazeres, como o encontro com amigos, exigem um tempo maior. Nós fomos adolescentes e gostávamos das conversas, mas parece que isso foi substituído. Ficou mais significativo do que o estudo.

Professora: Hoje atendi o pai de um estudante que está indo muito mal na minha disciplina. Eu queria que ele fosse bem. Chamei a família para aproximar. O pai me falou que em casa está sendo muito difícil colocar na cabeça do filho que é preciso estudar. O pai reclama que o filho fala que um *youtuber* ganha dinheiro sem estudar.

Professora: Está vindo uma geração muito alienada. E os alunos são influenciáveis.

Professora: Estamos vivenciando um novo contexto da constituição da juventude, necessitando compreender as culturas juvenis.

Professora: Na minha árvore, coloquei frutos com cores diferentes do real, porque não temos a total compreensão de como vai ser, do que estamos passando, se vai ser significativo. O que preocupa é que a preocupação é o viver hoje, a festinha de amanhã.

Facilitadora: Nós projetávamos nossa vida aos 16 anos, ir para a escola, comprar carro, constituir família, pensar na

aposentadoria, mas, atualmente, a relação com os ciclos da vida é diferente.

Professora: É fundamental compreender e fazer a análise da realidade.

Professora: Estamos tentando compreender os contextos. E daí as políticas públicas propõem um novo movimento que não é o que acontece na escola. A BNCC, por exemplo, não temos a formação para isso. Que tempo me sobrou para conhecer a base? Isso, para mim, não é suficiente. Viemos do tempo de mudanças. Não se consegue construir uma política ampla, que atenda o povo como um todo.

Professora: A campanha governamental dizia que no Nordeste as crianças vão aprender sobre as mesmas coisas. O macro: todo mundo, do Brasil todo, precisa aprender sobre tudo. Precisa ser sério nisso. E os governos não têm essa preocupação.

Professora: Nem nós conseguimos sair de uma política para avançar. Se temos uma alienação, como vamos fazer o adolescente estar preocupado com o amanhã? Se não enxerguei que essa política tem um propósito e um objetivo, o nosso adolescente vai conseguir perceber? Talvez os jovens se alienem para sofrer um pouco menos.

Professora: A ideia de formação integral no Ensino Médio foi para o espaço. Prioriza matemática e português. E as humanidades? Foram para o espaço?

Professora: A política está posta. Podemos nos agarrar a algumas coisas.

Professora: E a lei da mordaza. Existe um patrulhamento. O professor não pode abordar isso, não pode abordar aquilo. Enfraquecimento dos sindicatos, perseguição.

Facilitadora: Mas podemos subverter o que está posto. Temos que lembrar que uma das dimensões da atuação docente é o engajamento profissional.

Professora: Há a necessidade de fortalecer o coletivo, com núcleos pensantes de resistência, por outros caminhos que, talvez, não sejam da bandeira plantada na praça. Não dá para

murchar, mas temos de seguir. As gerações mais novas precisam de referências de força e esperança.

Professora: Será que estou me queixando demais da vida? Vem lá de cima da Secretaria da Educação: tem que fazer.

Professora: Não quero parecer a “esperançosa maluca”. Espero não ter o inverno apenas pela frente. Usei a metáfora das estações. O outono fica esquecido; ele tem a ideia do movimento, no sentido de ter o outro no encontro. O vale, no lugar para estar, gera o desejo, a busca. Quero crer que tenho pelo menos o verão, o outono e o inverno pela frente. Quero pensar no contraponto: identifico, faço a leitura da realidade e penso na intervenção. O que me move? O que me movimenta? Tenho a impressão de que essa história se repete, não nessas análises. Se podemos olhar, podemos vencer. É uma borboleta amarela? Ou uma folha seca que se desprende e não quer tombar?” (Mário Quintana). Eu não quero tombar.

Professora: É bem importante termos esperança.

Professora: A sociedade desconfia. Não temos mais autonomia para fazer as coisas. A sociedade vem para cima. Acabamos nos tornando uns robózinhas engessados. Passamos muito tempo nos defendendo. Não sobra mais tanta energia para esperar. Os próprios adolescentes veem que nem sempre está fácil e buscam o caminho mais tranquilo.

Professora: No Pós-Segunda Guerra os países se mobilizaram. A Declaração dos Direitos Humanos mostra avanços. A Constituição Federal mostra educação como direito de todos, dever do Estado e da família. Trazer essa discussão é nos alinharmos.

Facilitadora: Cabe contemplar, de forma crítica, não alienada: onde estamos? Para onde vamos? Como foi o percurso? Quais os avanços e as lutas?.

Após o tempo de expressão livre de sentimentos, percepções e concepções, o professor Mateus passou a explicar a metodologia proposta para o encontro e a formação-investigação: O que se observou foi que há problematização, como a

falta de interesse, os dilemas com a burocracia que consome o tempo, a questão do interesse pela escola. Mas também há soluções: a escola tem de estabelecer esses vínculos, como a ressignificação dos processos de aprendizagem e do tempo dos professores, com estabelecimento de vínculos entre escola e família, bem presente nas falas dos grupos.

Após reflexão, a professora Nilda solicitou que o grupo olhasse para as árvores da vida reunidas no painel afixado na parede e indagou: que coletivo é esse? Um jardim, um bosque, um vale?”.

Outro ponto do encontro foi destinado às reflexões sobre as competências gerais da BNCC e a BNC-Formação, a qual orienta a formação de professores em uma dimensão inicial e continuada.

Professora: Quando não discutimos a BNCC acontece o que o sistema espera, pois discutir viabiliza as brechas para pensar coletivamente e pensar estratégias.

Novamente, o tempo se esgotou e os facilitadores, professora Nilda e professor Mateus, referendaram a importância do momento, das manifestações dos sentimentos e das queixas, assim como os desejos e os propósitos voltados a uma vida melhor para os estudantes e a humanidade.

Memória de Aula:
Fase I Encontro Quatro
13 de maio e 29 de junho de 2022
Remoto

**Temas emergentes para a atuação
docente contemporânea**

por Nilda Stecanela

O quarto encontro da formação-investigação teve o objetivo (in)formativo e aconteceu remotamente, com acesso espontâneo e produção de comentários no fórum interativo gerado para as reflexões.

O conteúdo do encontro emergiu da explicitação das concepções sobre educação e dos desafios identificados nas narrativas dos participantes por meio do instrumento disponibilizado no Google Forms bem como das narrativas produzidas na dinâmica da Árvore da Vida.

Várias videoaulas foram produzidas para nutrir as demandas emergentes, tendo como protagonistas os professores especialistas nas temáticas listadas a seguir:

- As interfaces entre a BNCC e o DOCCX;
- As metodologias e as aprendizagens ativas;
- O Design Thinking;
- A pesquisa em sala de aula;
- O ensino híbrido;
- As tecnologias na educação;
- O Pensamento computacional na escola;
- O empreendedorismo na Educação Básica;

- A inovação na Educação Básica;
- A interdisciplinaridade;
- A relação pedagógica dialógica;
- A educação intergeracional;
- A educação do sentir;
- A metacognição;

O momento coletivo para socialização das percepções e interações com os conteúdos dos vídeos de aula será organizado na forma de seminário e integrará o movimento desencadeado na perspectiva de formação-investigação.

Memória de Aula: Fase I Encontros Cinco e Seis 03 de junho de 2022 Presencial

Introdução ao Futures Literacy e ao Futures Thinking

Por Nilda Stecanela e Vagner Zulianello

O encontro aconteceu na biblioteca da Escola Caldas Júnior, iniciando-se às 16h20min e estendendo-se até 20h45min. O espaço da escola, na biblioteca, cuja arquitetura contempla três mesas redondas, uma mesa retangular, uma escrivaninha, prateleiras, livros, mapas etc., é agradável, no segundo andar do prédio, com orientação leste e janelas que se abrem para o pátio de entrada da escola.

A professora Nilda e o vice-diretor fizeram uma breve fala de abertura. Na sequência, o professor Mateus iniciou a abordagem sobre Futures Thinking e Futures Literacy, diferenciando, caracterizando e conceituando, indicando também os pilares da Futures Literacy. Em seguida, os professores se organizaram em três grupos sugeridos pelo vice-diretor.

A carta de aula do encontro foi entregue de modo impresso e disponibilizada no AVA. O grupo foi desafiado ao mãos na massa, ou seja, à construção de um projeto segundo as demandas e necessidades da escola, mobilizados por um conjunto de perguntas expressas na carta de aula.

- a. Quais são os conhecimentos a serem relacionados a esta atividade?
- b. O que é esperado em termos de amadurecimento do pensamento científico, crítico e criativo?

- c. Quais são as estratégias de comunicação a serem desenvolvidas pelos estudantes?
- d. Como será feita a avaliação da argumentação do estudante sobre a atividade?
- e. Como a atividade conecta estudantes com temáticas que envolvam senso estético e cultura digital?
- f. Como a atividade pode promover reflexões para o autoconehecimento e o autocuidado?
- g. Como a atividade pode ser organizada em equipe, buscando desenvolver empatia e colaboração?
- h. Como a autogestão e a autonomia podem ser trabalhadas no projeto, delegando responsabilidades aos estudantes?
- i. Espaço para outras perguntas, conforme o contexto pedagógico da escola.

A discussão nos grupos iniciou de modo silencioso. Muitos passaram a ler a carta de aula, mas logo a conversa ganhou interações dos membros do grupo. Houve o convite para que acessassem o AVA da formação para realizar a sistematização das discussões *pari passu*, em três arquivos *online*, tendo como suporte os Chromebooks da escola.

A escuta dos ruídos da sala permitiu identificar alguns temas inquietantes para os grupos, como, por exemplo, violência de gênero, autonomia, consumo de álcool, separação do lixo, entre outros. Algumas hipóteses foram levantadas pelos integrantes de cada grupo; por exemplo, o quanto o uso de álcool pode ser reflexo de uma tendência depressiva de uma determinada família. Ao mesmo tempo, colegas do grupo puxavam a discussão para o foco do possível tema escolhido pelo grupo. Um dos grupos solicitou a imagem ampliada das competências gerais da BNCC, a fim de visualizar as interfaces e a descrição de cada uma. Outro integrante de um dos grupos expressou: nossos alunos usam Canva e nós não sabemos!.

O vice-diretor expressou que o foco da escola no retorno às aulas presenciais está nas relações e que o PPGPSICO-UCS tem realizado ações com a gestão, os professores e os estudantes com resultados já sentidos no cotidiano da escola.

Um dos grupos pensou em um ponto de partida a partir da literatura, o livro *Meu Vô Apolinário*, e construiu uma rede de relações sobre as hipóteses dos futuros que foram desenhados por avós e pais associando à reflexão sobre quais foram os futuros possíveis (ou os futuros concretizados), sem descuidar da discussão das dificuldades encontradas pelos avós, do sofrimento e das suas conquistas.

O grupo que definiu o lixo como temática referiu que, entre os recursos, usariam os Chromebooks para as consultas/pesquisas na Internet. Que outros recursos das tecnologias e da Internet poderiam ser usados? Também relacionaram com a merenda escolar que sobra todos os dias nos pratos dos estudantes, de modo a provocar o estabelecimento de relações ao “quanto” isso resultaria ao final de um mês ou de um ano, por exemplo.

Como síntese do segundo momento do encontro, registra-se a riqueza de ideias que emergiram nos temas sinalizados pelos grupos, as associações feitas, as pontes estabelecidas com outros temas, com os modos possíveis para a evolução das ideias em direção à formalização de um projeto a ser validado para ser executado pela escola. Fica a dúvida sobre como poderia ser formalizado o projeto e qual seria sua estrutura/*template*, etapas, nomenclatura das etapas, apoios necessários, metodologias ou dinâmicas para cada etapa, desde a sensibilização até a definição de um produto final em termos de sistematização de resultados.

Por fim, antes do intervalo e da apresentação dos grupos, pensamos na necessidade de uma curadoria dos projetos, a qual poderia ser feita pela assessoria ou pelos próprios grupos.

O intervalo foi um momento muito descontraído, com os professores do social da escola preparando uma sopa de capeletti, servida na sala de artes. Os responsáveis prepararam a sopa, serviram-na e organizaram o espaço, lavando a louça e deixando tudo limpo.

O retorno para a parte final do encontro ocorreu às 20h, com tempo máximo previsto sendo 20h45, destinando-se 10 minutos para cada grupo relatar seus movimentos.

O Grupo 1 iniciou sua apresentação seguindo sua sistematização a partir das perguntas desafiadas na carta de aula. O título do projeto escolhido foi Por que misturar se podemos separar?. Os integrantes foram respondendo, pergunta a pergunta, e fazendo registros no AVA. A sensibilização seria a partir das observações das lixeiras da sala de aula e do refeitório por meio de fotografias das lixeiras da própria escola. As fotos teriam o objetivo de gerar impacto, mostrando as sobras dos alimentos do lanche da escola, de forma comparativa. A busca de dados seria realizada de diferentes formas: convidados, especialistas, dados disponíveis, visando à mudança de comportamento. Com a construção de uma linha do tempo, é apresentado como era no passado, como é hoje e como será no futuro se os comportamentos não mudarem. Gerar conscientização para o cuidado com as futuras gerações e a vida no planeta é o objetivo. Como desdobramentos, a intenção de transcender a dimensão teórica, mas de modo a promover mudança e multiplicação das ideias e consciências para outros espaços. Os estudantes estariam envolvidos em todas as etapas. (Fica evidente, nesse projeto, a importância da educação do olhar, da observação.) Finalizaram com a relação com as dimensões socioemocionais, gerando empatia, na preocupação com o outro e o planeta. Em termos de recursos, o foco é explorar o que a escola tem (laboratório de informática, projetor, biblioteca, Chromebooks, etc.) – não foi referido o AVA no Google Classroom –, e passeio nos caminhos do lixo,

visitando os laboratórios da UCS. O grupo estava esquecendo de citar o que havia registrado na sua sistematização relacionada ao estímulo para que os estudantes tenham um **projeto de responsabilidade social**.

O **Grupo 2** expressou que não se sistematizou como o Grupo 1, e justificou dizendo que pensou muito em como faria com os estudantes, promovendo que as ideias surjam da turma. Os integrantes discutiram um possível tema sobre o uso de bebidas alcoólicas, pois entendem que o registro do grupo ainda está um pouco confuso. Consideraram um momento rico de *brainstorms* com o estabelecimento de relações. Destacaram que essa discussão ajuda a pensar em algo que não está presente – por exemplo, o jovem não é alcoolista hoje, mas, se adotar algumas atitudes, poderá se tornar um alcoólatra – e a importância de relacionar os motivos da busca pelas fugas por meio do álcool. Listaram possibilidades de recursos para a sensibilização, como, por exemplo, o comercial da Heineken e o documentário *Quanto tempo o tempo tem*. Outros pontos citados: a discussão dos aspectos genéticos implicados, a relação do uso do álcool como sociabilidade, o quanto os jovens são reféns da lógica capitalista de estímulo ao consumo, o quanto servem ao sistema e são cooptados por ele se não desenvolverem consciência crítica e autonomia nas escolhas. Relacionaram as competências gerais da BNCC e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) voltados à saúde e ao bem-estar. O ponto de chegada poderia ser a conclusão dos jovens de que há outras formas de se chegar ao bem-estar com saúde. Buscaram impactar com depoimentos de senso de realização/sensação de prazer por outros caminhos, outras formas. No trabalho de uma das turmas, os alunos referiram que ah, profe, hoje é quase impossível não beber nas festas e que um dos meninos que não suporta álcool bebeu na festa devido à pressão do grupo e à necessidade de se sentir pertencente a ele. Enfim, adentraram coisas que pa-

recem naturalizadas e são delicadas, de modo a desmistificar algumas coisas. Ademais, o tabu em falar, por exemplo, da relação dos próprios professores com o álcool. O título seria Quanto tempo o álcool nos dá?, algo que poderia se relacionar com a violência no trânsito e o impacto/as consequências do álcool na vida de outras pessoas, por exemplo, aqueles que não têm nada a ver com o episódio, familiares, etc.

O desejo do **Grupo 3**, “Eu e o meu umbigo, deixa a vida me levar”, é provocar que os alunos saíssem da dimensão aut centrada, sem propósitos ou objetivos. Uma professora falou “no tempo dos temas geradores”, e o grupo achou que vale a pena fazer relações com essa parte da história da Rede Municipal de Ensino. O indivíduo é um ser social e responsável por esse futuro, seu e do planeta, para além do ego. Todas as competências entraram no tema amplo, mas os integrantes do grupo relacionaram várias: letramento científico, autonomia, empatia, autocuidado... termos naturalizados. (“Essa é a nossa visão sobre esse grupo, mas o que será que eles pensam sobre isso?”; “A sensação que dá é que eles [os alunos] não pensam sobre o futuro, como lidam com a morte, mas nós não os preparamos para a morte, para viver o luto. Viver a morte faz parte da vida. O imediato é não pensar na morte, pois o futuro parece algo muito distante”). Os estudantes trazem a sensibilização do livro, dizendo que as pontes seriam como os vínculos gerenciais, pensando em quais foram os futuros possíveis para as famílias deles, como os avós construíram esses futuros e quais eram as facilidades e dificuldades. Parece que tudo tem que ser grandioso no futuro, mas sem gestão da vida para as adversidades, pois os jovens são criados como se a vida não tivesse adversidades. (Aqui se relaciona a competência de projeto de vida e carreira.) A partir das memórias familiares há uma validação do tema. Todos os componentes curriculares estariam envolvidos. “As metodologias ativas e dialógicas com o processo de ação, reflexão, ação,

chegando-se às sínteses para olharmos para esses dados. Seriam estações por habilidades, quem gosta de escrever vai escrever, quem gosta de tecnologias vai usar as tecnologias, depois eles fazem as trocas”. O grupo situou o Google Classroom como suporte para o desenvolvimento do projeto. Os dados com os familiares poderiam ser organizados com infográficos, mapas mentais e documentários. (“Eu pergunto para eles se eles sabem o que é ser pobre?”). O monitoramento das aprendizagens aconteceria por meio de produção escrita sobre o modo como as histórias dos antepassados se relacionam com os seus projetos de futuro. Seriam feitas análises sobre a evolução das reflexões e os amadurecimentos relacionados, apresentadas por meio de seminários, mostras, etc. “Queremos refletir sobre a construção do sujeito. Que eles possam pensar sobre o futuro da vida no planeta sob a ótica da ética, da solidariedade [...]. O desafio será saber se os alunos vão topiar desenvolver”. O pontos de chegada seria a mudança de comportamento/atitudes sobre as coisas que estão mais próximas, no âmbito da escola, e gradativamente ampliar para espaços mais amplos. O grupo registrou detalhadamente a narrativa que apresentou no encontro, com vários exemplos: “Todas as salas têm duas lixeiras, mas ninguém separa o lixo. (Agir localmente para transformar globalmente.) O ciclo se conectou, com um projeto ligado ao outro. Os exemplos deste grupo se conectam com a apresentação do Grupo 1”.

O encontro ultrapassou alguns minutos do previsto, e, antes do fechamento, emergiu a necessidade de curadoria dos projetos intergrupos, pois as interações com as ideias gestadas foram espontâneas, indicando as potências de tais práticas.

Memória de Aula:
Fase I Encontro Sete
24 de junho de 2022 Presencial

**Sistematização dos projetos de
Futures Thinking**

por Nilda Stecanela

O encontro iniciou com convite para nos fazermos presentes na sala de professores a fim de degustarmos o lanche preparado pela comissão social, canjica e salgadinhos, para, em seguida, voltarmos à biblioteca para o trabalho.

Após uma breve introdução feita pela professora Nilda, sobre a importância dos registros, ressaltou-se que a escrita é o princípio da pesquisa e a pesquisa é o princípio da aprendizagem, referindo Mário Osório Marques, no livro *Escrever é preciso*, e que os registros são registros que dão sentido.

Mateus apresentou brevemente os pontos que conectam este encontro com o anterior e propôs a sistematização das ideias gestadas em uma carta-projeto. Nilda destacou o vídeo de aula postado no AVA, no qual Pedro Demo fala da importância da pesquisa na escola em uma dimensão de princípio educativo, como forma de garantir a autoria da atuação docente; e (b) que os pontos listados na carta de aula do encontro são apenas uma referência para a sistematização do grupo, para os registros das ideias já discutidas, os quais estão reproduzidos abaixo:

1. acessem o arquivo com os registros do grupo realizados no encontro passado, disponível no AVA da formação;

2. se julgarem interessante, acessem o arquivo com a memória do encontro passado, pois contém alguns registros da estrutura e do conteúdo do encontro;
3. abram um novo documento e o nomeiem como Carta-Projeto G₁, Carta-Projeto G₂ ou Carta-Projeto G₃;
4. definam os destinatários da carta-projeto – estudantes, comunidade escolar, humanidade, gestores das políticas educacionais, professores da escola, professores da universidade ou outros;
5. iniciem com uma saudação aos destinatários e uma breve contextualização sobre os propósitos da carta e os fatores mobilizadores da sua escrita, como, por exemplo, a formação-investigação situada no âmbito do projeto (vide cabeçalho desta carta), os desafios da docência no período pós-pandemia já expressados em encontros anteriores, etc.;
6. descrevam os sonhos, os desejos e os propósitos do grupo ancorados no tema mobilizador das reflexões vinculadas à metáfora da Árvore da Vida, com base na manutenção do equilíbrio da vida no planeta;
7. situem as intenções do projeto no que se refere aos momentos indicados na carta de aula do encontro passado – (a) sensibilização, (b) problematização para definição do tema, (c) fontes e dados para exploração do tema, (d) análise e reflexão sobre as certezas e a incertezas, (e) definição sobre de que forma nos mobilizamos como professores para o desenvolvimento do projeto, (f) projeção de o que e como imaginamos mobilizar o outro para o desenvolvimento do projeto, (g) referências que poderão ser consultadas para alimentar as reflexões que emergirem no desenvolvimento do projeto, (h) sinalização dos possíveis pontos de chegada que o projeto poderá

- conquistar, (i) cronograma e (j) saudação final da equipe de professores(as);
8. representem o projeto com um desenho, diagrama, mapa mental ou outra imagem que considerarem produzir significado, contendo os passos e as trilhas a serem percorridas, e insiram essa representação no início ou no final da carta-projeto;
 9. compartilhem as produções escritas com os demais grupos;
 10. naveguem pelas cartas-projeto dos demais grupos e escrevam uma carta-comentário com sugestões e/ou destaques que poderiam qualificar o projeto e/ou ter interface com o projeto do próprio grupo.

O vice-diretor distribuiu os Chromebooks para que as cartas pudessem ser sistematizadas pelos grupos, os quais se debruçaram a ler as orientações constantes na carta de aula e escrever suas cartas-projeto.

Mateus e Nilda acompanharam os grupos nas dúvidas e sugestões. Os impasses (positivos) começaram no primeiro momento da escrita da carta, ou seja, na definição dos destinatários: estudantes ou alunos? Estudantes ou professores? Outros? O dia estava cinzento, com muita chuva e umidade, além de neblina, mas os grupos se debruçaram a discutir.

A composição dos grupos se manteve a mesma do encontro passado, e os papéis se repetiram em termos de quem assume a responsabilidade de digitar, quem busca as ideias já registradas no documento compartilhado no AVA, quem digita ou problematiza a estrutura do texto, dos primeiros parágrafos. Eram dez itens para considerar nas narrativas das cartas-projetos, e os grupos avançaram mais ou menos até os itens 6 ou 7. Combinamos de continuar no próximo encontro, a ser realizado no dia 9 de julho, no qual será destinado tempo para: conclusão da escrita da carta-projeto de cada grupo;

curadoria das cartas-projeto intergrupos; reflexão sobre o processo vivido no semestre; desenho dos próximos passos para o segundo semestre.

Na reflexão final do encontro, perguntamos como eles receberam o convite para escrever uma carta-projeto. Um dos grupos explicitou que levou bastante tempo para definir como seria a linguagem; outro grupo referiu que se ocupou da fundamentação da linguagem e alguns membros buscaram informações para inserir na carta, de modo a validar a contextualização feita; outro grupo referiu que optou por uma linguagem mais técnica, pois o tema do grupo é complexo. Os destinatários das cartas-projeto de todos os grupos foram os estudantes. Destacamos a importância de observar os diferentes papéis exercidos pelo grupo e no grupo, além de referir que no planejamento convencional os estudantes não têm conhecimento do que o professor pensou/planejou para a aula, e na carta dirigida aos estudantes esse planejamento fica explícito, convidando-os ao engajamento com as intencionalidades e os percursos desenhados. O desafio sinalizado é desenvolver esse planejamento junto com os estudantes.

Por fim, registramos o envolvimento dos grupos nas atividades propostas e nas produções decorrentes. Ainda, é interessante registrar que a carta é um dos gêneros textuais que acompanha a humanidade há um longo tempo, mas, no âmbito do projeto, vem assumindo um potencial caracterizado como inovação pedagógica.

Memória de Aula:
Fase I Encontro Oito
09 de julho de 2022 Presencial

**A carta-projeto para Futures Literacy:
imaginar e refletir!**

por Fabiana Kaodoinski e Nilda Stecanela

O encontro aconteceu em um sábado de manhã, no espaço da biblioteca da escola. Era um sábado letivo previsto no calendário da escola. Nos reunimos após o intervalo do recreio e da liberação dos estudantes para irem para casa.

A professora Nilda projetou *slides* com a síntese do planejamento do encontro e uma retomada da memória dos encontros anteriores. As cartas de aula do encontro foram impressas e disponibilizadas sobre as mesas dos três grupos de trabalho, na biblioteca da escola, além das memórias dos encontros anteriores.

Após a introdução, lemos coletivamente a carta de aula do encontro e as orientações para as atividades da manhã. Os Chromebooks foram distribuídos. Ocorreu uma pequena demora no acesso aos arquivos das cartas-projeto devido ao esquecimento de senhas de acesso ao AVA da UCS destinado ao curso. Para o segundo semestre ficou combinado que a segunda etapa do projeto será desenvolvida na plataforma Google Classroom, pois é mais familiar para o grupo.

Os grupos tiveram algumas dúvidas e dificuldades de contemplar as ideias gestadas no encontro de 3 de junho para os projetos na linguagem de carta-projeto. Sentamos com eles para assessorar e esclarecer sobre o modo de fazer essa tradu-

ção, de uma linguagem de *brainstorming* para a sistematização das ideias em forma de carta.

No acompanhamento do Grupo 3, “Para além do ego”, algumas narrativas interessantes emergiram, segundo duas professoras: “Os problemas que a escola tem com a (in) disciplina dos alunos dos 9º anos foram dissipados durante o desenvolvimento da Semana Literária, pois todas as aulas foram ressignificadas e os espaços de realização delas foram deslocados para outros ambientes como, por exemplo, a biblioteca. A sugestão é que essa dinâmica seja adotada para o desenvolvimento do projeto do grupo, pois haveria uma inovação nos ambientes de aprendizagem, envolvendo, por exemplo, a participação de pais e familiares por meio de entrevistas breves que seriam feitas pelos estudantes. Além disso, foi possível sintetizar que os três maiores problemas identificados pelos professores nos primeiros encontros – o excesso de burocracia nos registros; a gestão do tempo; o (des)interesse de alunos e famílias em relação à escola – geram um terreno fértil para o desenvolvimento das competências socioemocionais requisitadas no retorno às aulas presenciais.

Estava prevista a gravação de depoimentos em câmera, porém a equipe contratada para tal tarefa não compareceu na escola, então, na parte final do encontro, foi projetado o vídeo com as imagens do encontro inicial, no qual foram construídas as Árvores da Vida de cada professor e agrupadas no coletivo, o que representou o Bosque da EMEF Caldas Júnior. Após, o grupo foi desafiado a escrever sobre como está a sua Árvore da Vida hoje. Os excertos abaixo trazem as narrativas produzidas e contextualizadas sobre o momento vivido e percebido pelo grupo.

Minha árvore começou meio pessimista. Eu estava dando aula no piloto automático. Agora está sem raiz, porque desconstruí tudo o que minha formação me deu. Estou com muitas dúvidas e perda neste projeto. Não consigo me en-

xergar e não consigo colocar na minha disciplina este projeto (Professora C).

A minha árvore está mais otimista. Há muitos desafios e enfrentamentos ainda. Há muitos sonhos que temos dentro da educação, e isso mobiliza o nosso trabalho. Coloquei a palavra amanhã, porque há sempre perspectiva de continuar existindo e acreditando em algumas coisas, crenças de mundo. Perspectiva de vida. Estamos conscientes de que é preciso ter luta e enfrentamento. Fica no alto a perspectiva do descanso e de vida, muita vida!” (Professora P).

“Coloquei que estou me sentindo mais motivada, mais produtiva, mais necessária. O fato de estar desenvolvendo propostas pedagógicas que me realizam profissionalmente faz sentido para mim. Olhar para a perspectiva de que podemos produzir no coletivo. O grupo é muito qualificado e muito bom. Isso é um crescimento. Me sinto mais esperançosa do que estava, com menos vontade de me aposentar como anteriormente. Quando trabalhamos com o grupo, vemos o quanto isso é bom, o quanto o coletivo Isso é para nós, para os estudantes. Os laços se fortalecem, nos sentimos mais ‘parte’, mais grupo. Para os alunos isso é importante. É bacana quando proporcionamos atividades que os fazem se sentir pertencentes a um grupo. Eles estavam ansiosos para receber o escritor. Podem ser muito bons em outras perspectivas” (Professora K).

A minha (árvore) está mais seca. Estou ressignificando meu momento. Estou num momento em que nada está bom o suficiente. Sinto isso. Estou como o outono: as folhas estão caindo e estou ressignificando o horizonte (Professora L).

Temos que pensar nas potências de cada uma das estações e o que elas significam (Professora Nilda, facilitadora).

Frente ao grupo que está aqui, estamos um pouco diferentes, por ser Área Um. Trabalhei a árvore nesta semana, as

semanas. Vamos buscando os significados com os alunos. Sempre trabalhei na perspectiva de construir uma história. A minha base é a minha formação. São 32 anos de magistério. Tenho educação especial, tenho Área Um. Eu ainda enfrento estou em processo de fortalecimento. Tu tenta fazer as coisas, mas não é sempre o mesmo processo de fortalecimento. Às vezes nos sentimos sozinhas e parece que estamos em um barco abandonado. Sei que as flores nasceram e estão dando frutos. A nível de educação, tu esbarras em pedras no caminho e nem sempre sabes como transpô-las. Hoje, esperança tem. Acredito na educação, sim. Uma andorinha só não faz verão. É o que penso hoje. Adorei fazer criações fantásticas. E a colega me ajuda a colocar o pé no chão. Sou romântica. A árvore está em um momento frustrante. Tem coisas a acontecer. E se tivesse feito? E se tivesse suporte? Quem dera todos os professores fossem como os daqui no Caldas e acreditassem no que as crianças podem. Estou meio frustrada, mas é o que estou sentindo hoje (Professora B).

Com a semana literária, nos envolvemos. Algumas coisas que eu tinha meio que esquecido, como algumas coisas interdisciplinares, meio adormecidas, estão voltando. Voltei a me envolver. Eu pensava, um colega fazia, outro complementava. Eu penso que poderia ter mais semanas, teria sido melhor. Umás meninas que disseram que iam recepcionar o autor, e a minha preocupação era dar certo. É uma energia, um movimento. Uns ficaram em sala fazendo o que gostam, outros acharam outras oportunidades, ocupando os espaços da escola nas atividades que faziam sentido” (Professora F).

“Quando eles tinham uma folguinha nas atividades, puxavam o livro e começavam a ler. Trabalhos muito bonitos. A preocupação deles, acho que dá muita esperança (Professora A).

“Quais movimentos foram desencadeados aqui na escola a partir da formação? Há um processo reflexivo de gestação

de ideias, de se articular, de se colocar no lugar do estudante. Olhando para a Árvore da Vida, como o grupo percebe os movimentos a partir da formação-investigação? (Professora Nilda Facilitadora)

“Pelo menos a ideia de que o pensamento coletivo, em três grupos, com diferentes pessoas e áreas, fortalece a ideia de que é o coletivo que importa. É mostrar mais uma vez que temos que ter esses momentos de parada para planejar” (Professora Q).

“Fala-se muito de sistematizar, registrar, mas não temos muitos momentos de sistematizar ideias, muito menos registrar ideias” (Professora C).

“E fazer um livro? Olhar o caminho feito... Estamos fazendo emergir as narrativas. Gradativamente, vamos construindo um senso de pertencimento mais forte” (Professora Nilda – Facilitadora).

“Não temos como parar para fazer os registros. Quem faz não tem nem tempo de registrar. As condições não permitem registrar se estamos focados em fazer” (Professora K).

“Algumas pessoas falaram em outono. Pensei num plátano, em que, num dia maravilhoso como este, começam a brotar folhinhas verdes pequeninhas. As paradas são importantes, porque nos damos o direito de pensar em como fazer. No dia a dia, chegamos e largamos a bolsa, nem olhamos para o colega, nem pensamos tanto. Nestes momentos falamos de aluno, de planejamento. De colocar um pouco mais para fora e se fortalecer não temos tanta oportunidade. Faz com que tiremos lá do fundinho, lá no solo, a força para o dia a dia (Professora E).

“Inseri a produção dos espelhos. Eles [estudantes] estavam com dificuldade em proporção. Os meus alunos não têm o entendimento de que eu estava trabalhando, por trás disso,

a minha matemática. Era como se eu não estivesse dando aula da matéria” (Professora L).

Os estudantes têm que entender que tinha um objetivo ali (nas atividades da Semana Literária). Isso tem que ser socializado com eles. Olhar para o caminho feito” (Professora Nilda – Facilitadora)

Eles têm uma dificuldade tremenda de trabalhar em grupos, ao contrário do nosso grupo aqui: nos completamos, nosso grupo viu o quanto damos certo trabalhando juntos, um ia complementando as ideias do outro” (Professora L).

A educação é tão formal e tradicional que ainda estamos apegados àquele modelo tradicional. Por mais que saibamos que o perfil de aula que temos não vai servir de nada para o mercado de trabalho lá fora, é aquela coisa que amanhã ou depois virá aquele pai/aquela mãe dizendo que a professora K não deu a aula de Português, porque tudo isso ainda conta. Tudo isso ainda pesa muito sobre nossas cabeças. Fazemos movimentos de avanço e recuo, aí voltamos, porque estamos sendo tão malhados o ano inteiro. O Caldas já não seria mais a escola que iria ensinar, por mais que soubéssemos quando produzimos atividades assim” (Professora K).

Vocês estão trazendo aqui uma coisa extremamente bacana: as experimentações são para romper com essa cristalização, porque, se continuarmos reproduzindo-a, não transformaremos nada. E vou trazer uma fala da primeira reunião que circulou no grupo: ânsia por transformação. Esse grupo tem ânsia por transformação. Se nós, professores, não passamos pelo processo, não vamos ensinar isso para os nossos estudantes” (Professora Nilda – Facilitadora).

“Precisamos de mais aliados para a escola pública. O estudante que não souber se relacionar não ficará empregado em lugar algum, essas são as condições de empregabilidade, não é o conteúdo. Lá fora a sociedade ainda acha que é condi-

ção de empregabilidade saber oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. É por isso que, muitas vezes, recuamos mais do que avançamos” (Professora K).

“As pessoas são admitidas pela competência técnica e cognitiva, e demitidas pelas competências socioemocionais. Isso é bem importante. Qual o argumento da luta? Sistematizar a avaliação dos alunos na semana seguinte, ao final da Semana Literária, com aquelas três perguntas, seria bem importante, pois fixa narrativas, permite a reflexão sobre o vivido: Que bom que , Que pena que e Que tal se . Os argumentos estão ali para a luta” (Professora Nilda – Facilitadora).

“Ontem eles diziam ‘O cartaz vai valer nota?, mas eu não estava preocupada com isso. Aí me dei conta que vou ter que pensar em alguns critérios para avaliar” (Professora F).

O cartaz é uma elaboração e expressão da síntese do conhecimento. O que entra ali? O que a pessoa escolheu para colocar no cartaz? Pensar em indicadores. Mas sei que isso é uma revolução e estamos longe disso” (Professora Nilda – Facilitadora).

Não dá mais para ser trimestre. A gente precisaria de semestre para ter esse olhar no processo. Essa burocracia do registro, das datas, da comprovação de determinadas coisas, diminui o tempo de outras coisas necessárias” (Professora K).

O encontro foi finalizado com as reflexões da facilitadora da manhã, vide narrativa abaixo:

“Do que o Brasil precisa? Que todas as promessas sejam cumpridas, que a nossa Constituição e a nossa legislação sejam efetivadas. Mas isso só vai acontecer se tivermos uma formação de qualidade, inicial e continuada, mas não qualquer formação. Não é um ciclo de palestras que vai transformar a educação. É importante ter um ritual de encontro, pela dimensão cultural. A formação que eu acredito é esta pela qual estamos transitando, mas para isso precisamos ter as

condições. Esta escola abriga as condições, com tudo o que tem, com todas as oportunidades que cria, esta escola abriu as condições para que vocês pudessem fazer essas reflexões, e isso não é perda de tempo. E do que mais o Brasil precisa? Que as escolas tenham infraestrutura. Então, antes de finalizarmos, quero agradecer pelo semestre, por aprender com vocês, por estabelecermos e fortalecermos essas alianças. Vocês nos trazem desafios, mas não temos todas as respostas, apenas estamos tensionando, juntos, as possibilidades para construirmos caminhos alternativos” (Professora Nilda – Facilitadora).

O semestre estava para ser finalizado em poucos dias. Ficou combinado o retorno para agosto, após o recesso de inverno, para o desenvolvimento da segunda fase do projeto, envolvendo os estudantes.

Memória de Aula:
Fase I Encontro Nove
26 de agosto de 2022 Presencial

**A carta-projeto para Futures Literacy:
finalização da Fase I**

por Nilda Stecanela

Após o recesso de inverno, na retomada do semestre, no final de agosto, houve um novo encontro, o nono de um total de dez.

O encontro ocorreu no espaço da biblioteca e foi destinado para a finalização da carta-projeto de cada grupo, com inserção do cronograma. Houve falta de alguns professores em todos os grupos. As memórias precisaram ser reavivadas, evidenciando um dos desafios às continuidades de projetos de formação-investigação, ou seja, os intervalos de tempo muito longos, embora esse limite seja justificado pelas demandas emergentes da rotina da escola.

É importante registrar que, no âmbito das conversas dos grupos, começavam a ecoar as preocupações com os preparativos para as comemorações dos 50 anos de existência da escola, elemento que suscitou a possibilidade de os projetos a serem desenvolvidos com a participação dos estudantes, na fase II, terem alguma articulação com essa temática.

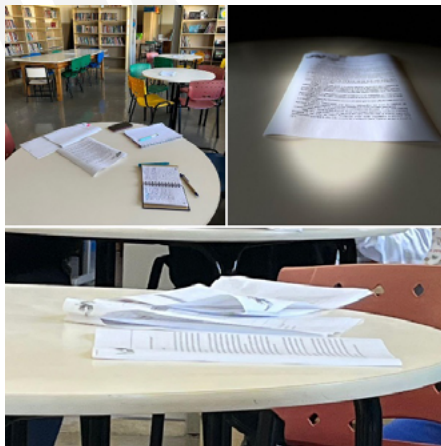
Os registros deste encontro foram tomados sem a presença da equipe do projeto, pois o grupo de professores se reuniu autonomamente para as continuidades das tarefas que haviam ficado pendentes.

Memória de Aula: Fase I Encontro Dez 16 de setembro de 2022 Presencial

Olhando o caminho feito: sínteses possíveis, anúncios necessários

por Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Os professores foram chegando aos poucos, um pouco atrasados, como se atrasado também estivesse o final da semana. A sala estava preparada, a facilitadora, professora Nilda, dava as boas-vindas enquanto as observadoras, Maria de Fátima e Emily, estreando no projeto, distribuía a carta-projeto a cada grupo com uma cópia da carta de aula do décimo encontro a cada participante. Olhares curiosos diante daquelas pessoas estranhas que se juntaram à equipe, curiosidade satisfeita e substituída por sorrisos, tão logo a professora Nilda deu as boas-vindas e as apresentou ao grupo.



O grupo apresentava um semblante cansado, daquele cansaço teimoso do final do dia que também finaliza a semana intensa de atividades na escola, mas desejoso de ser vencido pelo trabalho a ser feito no projeto.

Iniciando o trabalho, a facilitadora fez um breve resgate do *feedback* recebido do vice-diretor sobre o encontro nove, as tarefas que ficaram pendentes e os três vídeos que deveriam ser assistidos pelos integrantes do grupo. Informou também que alguns outros vídeos seriam produzidos até o final do projeto e integrariam os recursos didáticos disponibilizados no acervo construído.

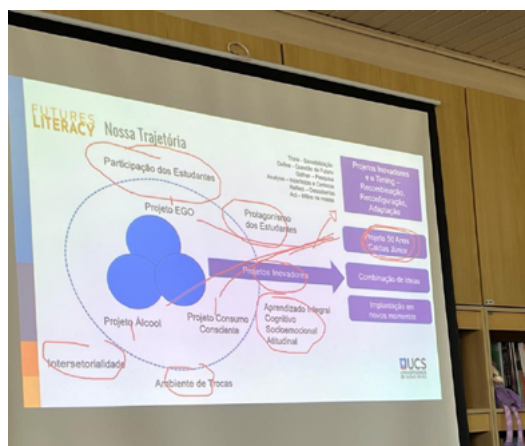
A facilitadora convidou o grupo a ler a carta de aula, iniciando ela mesma a leitura, seguida por vários professores e observadoras. O grupo estava concentrado, enquanto a leitura permitia relembrar a sua trajetória, os projetos pensados e desenhados a partir dos temas emergentes e as etapas do Future Thinking: Think, Define, Gather, Analyse, Reflect e Act.

Como “encaixar” o projeto “Para além do ego no tempo das comemorações?”

Passamos para o **1º Momento** proposto na carta de aula: síntese e finalização do processo vivido até o momento. A facilitadora lembrou que o caminho percorrido pelo grupo até ali foi muito rico e, mesmo com as dúvidas e incertezas naturais da caminhada, as cartas-projeto traziam inovação e muitas possibilidades. Convidou para que assistissem o vídeo *Articulando as dimensões de Futures Literacy, Futures Thinking e Inovação na Educação*, que retomava as cinco dimensões da inovação: participação dos estudantes, protagonismo dos estudantes, intersetorialidade, aprendizado integral (cognitivo, socioemocional, atitudinal) e ambiente de trocas. O grupo assistiu, atento, sem fazer anotações.

No vídeo, o professor Mateus destacou que os projetos que emergiram nos grupos são inovadores, porque permeiam

as cinco dimensões na inovação: gestão, metodologias, currículo, ambiente, intersectorialidade. É importante entender que os projetos criados podem se transformar, se desdobrar, estando sujeitos a (re)combinações. Há de se considerar as possibilidades que surgem, o *timing* necessário para as transformações, por isso o exercício de desapego é também fundamental. Uma importante possibilidade que se apresenta ao grande grupo é o projeto dos 50 anos da Escola Caldas Júnior.



É importante que o grupo reflita sobre o *timing* ideal para o desenvolvimento das cartas-projeto, as reelaborações, as complementações e os desapegos a serem exercitados. Como as cartas-projeto se inserem nos 50 anos da escola?

À medida que o tempo passava, o cansaço ia perpassando pelo semblante dos professores, mas o grupo resistiu e, quando a facilitadora destacou como o grupo acolheu a proposta e a equipe do projeto, destacando a capacidade de colaboração, os sorrisos venceram o cansaço.

Uma vez feita a síntese do vivido até aquele momento, passamos para o **2º Momento** proposto na carta de aula:

discussão do projeto de comemoração dos 50 anos da Escola Caldas Júnior.

Os participantes se endireitam nas cadeiras. A facilitadora propôs uma rodada de falas para que o grupo pudesse expressar sua motivação para a nova fase com o envolvimento dos estudantes. A professora M expôs uma das iniciativas que estava em andamento na escola em comemoração aos 50 anos: o concurso para o novo logotipo, que envolveria as turmas de 5º ao 9º ano para a seleção dos trabalhos e as turmas da Educação Infantil para a confecção de adornos.

A facilitadora provocou: “A pergunta do Grupo 3 (“Para além do ego”) pode ser a aglutinadora dos demais projetos para um projeto guarda-chuva dos 50 anos?”

A professora P resgatou o problema que norteou a carta-projeto do grupo: Os alunos não se sentem responsáveis por nada (pela aprendizagem, pelos outros, olham para o seu umbigo), têm dificuldade de se responsabilizar, não conseguem sair para a coletividade, o que gera outros problemas que eles trazem para a escola, seja de aprendizagem ou mesmo familiares. A proposta era, então, que os estudantes pensassem mais na coletividade, olhassem para o seu passado, a história das suas famílias, a estabilidade financeira, para entender como os pais e avós construíram essa vida que hoje, para eles, é uma condição boa, com uma situação que aqueles não tinham. Dar-se conta de qual o sentido de passar pela escola, que não é só uma dimensão funcional, mas também social. Talvez o projeto dos 50 anos não dê conta de tudo, porque o tema que se pretende abranger é amplo.



A professora P retomou a fala da professora M, destacando que o projeto da comemoração da escola não era somente o concurso do logo, mas a comissão pensou em trazer a comunidade (professores, ex-professores, alunos, ex-alunos, funcionários, ex-funcionários, enfim, a comunidade) para depoimentos e relatos de como foi a sua relação com a escola. Há gerações que passaram e estão passando pela escola. Já estava na página da escola e seria divulgada também nas redes sociais.

Um colega entrou e os grupos interagiram. Houve um pouco de agitação. Este momento nos mostrou uma cena que nos permite refletir sobre o efeito que o ambiente escolar tem sobre as pessoas, mesmo os adultos, mesmo os professores: voltamos à nossa criança, nossa molequice, à memória que dispara o gatilho da ação solta, despreocupada, da cumplicidade da bagunça entre os colegas de escola. Mas logo a razão coloca a criança sentadinha e comportada novamente, e a concentração foi retomada.

É preciso trazer a comunidade para dentro da escola. Qual a relação com a escola nesses 50 anos? Há muitas relações de pertencimento a serem resgatadas. Muitas famílias têm sua história permeada pela escola e permeiam a história da escola. A professora P lembrou, por exemplo, que a família do professor I tem uma relação histórica e próxima com a escola. Mais tarde, outras professoras complementaram que houve, inclusive, um casamento e um noivado realizados na escola.

A professora Nilda salientou a importância de articular esses dados num projeto de letramento de futuros, assim como destacou os projetos já em desenvolvimento nas citações da professora P e o projeto “Quanto tempo o álcool te dá!”, que estava em andamento, nessa tentativa de olhar para o futuro, mas mudar o comportamento já no presente.

“A narrativa da profe P talvez tenha a problemática que abarca outros subprojetos, é grande, mas tem um conjunto de subprojetos em andamento, com busca de informações que não estão necessariamente nos livros, mas nas pessoas, como o caso desse segundo projeto [da comemoração dos 50 anos da escola], que está buscando nos vídeos, nos relatos, nos depoimentos, uma memória, valorizando essa memória e posicionando um pertencimento. Esse subprojeto está na etapa *Gather*’, como uma pesquisa em diferentes fontes, valorizando fontes de vida. A questão é como articulamos isso tudo num grande projeto, e talvez aqui esteja o ponto em que podemos [a equipe UCS] apoiar vocês: na articulação dessas questões, na construção de um projeto de Futures Thinking, de letramento em futuros, de olhar para essas partes que compõem um todo que tem um propósito. O grupo tem um propósito claro, que foi declarado desde o início pelos seus integrantes: vocês não são professores de repetição. E cabe lembrar da dimensão do coletivo, porque, quando encontram eco nos demais integrantes do grupo, as narrativas deixam de ser de uma pessoa e passam a ser do coletivo” (Professora Nilda Stecanela).



A facilitadora pediu ao grupo para pensar se fazia sentido partir da pergunta que a professora P resgatou, como mobilizadora do grande projeto, ou seja, discutir o sentido de estar na escola, nesta escola, que tem uma trajetória, que

teve pessoas que passaram por ela e deram sentido às suas próprias histórias a partir do vivido ali, não apenas dentro dos seus muros, mas também para além deles, na comunidade.

Emergem algumas dúvidas: Qual é o tempo desse projeto? O grupo está angustiado com relação à dinâmica do funcionamento desse projeto”.

A professora Nilda tranquilizou: O tempo é o possível, conforme o que está disposto na carta de aula e no vídeo a que assistimos. O grupo começou pensando grande, foi trabalhando, exercitando, recombinao, lapidando e chegando às propostas apresentadas. E é uma grata surpresa saber que já contam com regulamentos de subprojetos que podem, sim, ser considerados como desdobramentos no âmbito desse projeto, que estão nesse guarda-chuva. O tempo de cada projeto dependerá das condições que vocês terão para desenvolver, o que pode acontecer neste ano, o que já está em andamento, o que acontecerá em 2023. Vocês têm uma grande articulação de saberes do grupo, de competências e competências articuladas”.

Destacou também que o grupo identificou localmente problemas, refletidos em necessidades que são locais, mas são planetárias. E o grupo do projeto já identifica várias ações em andamento, o que é bastante positivo. Talvez os grupos já tenham realizado várias das etapas e nem se dado conta. Muitas vezes as ações iniciam o percurso, mas param e não se faz a reflexão, por exemplo, e nosso papel enquanto facilitadores é ajudar, com o auxílio do método, a refletir e sistematizar a ação, contribuindo para posicionar o grupo. É o que temos feito, contribuindo para que o grupo enxergue a dimensão do que tem feito, os projetos que já estão em andamento, como, por exemplo, ‘Quanto tempo o álcool te dá!’ e o edital do concurso do logotipo da escola, que vão envolvendo as pessoas e gerando diferentes momentos de protagonismo entre os participantes, protagonismo dos professores, que, apesar

de estar nas diretrizes, muitas vezes fica no discurso. No entanto, quando vimos aqui e ‘cavocamos’ com vocês essas ações, vemos que o protagonismo existe de fato. E quando nos damos conta de que o protagonismo existe, o nosso papel enquanto docentes vai ganhando sentido”.

Lançou, então, a pergunta: *Podemos envolver os estudantes – ou uma representação deles para que eles tenham consciência do que está sendo pensado para eles, com eles?*

O grupo sinalizou que sim.

Será que a comunidade, os pais, não está pensando num projeto com os professores?

Acompanhamos uma série de manifestações sobre a comunidade: a comunidade é participativa, mas é uma comunidade que cobra e não valida o corpo docente”, “é uma comunidade muito crítica, e em diversos momentos ocorrem verdadeiros embates dos pais com os professores. Alguns concordam, mas não há unanimidade. Há os que não se sentem assim e percebem que há, sim, uma parte mais crítica, mas é um grupo pequeno, localizado, não toda a comunidade, em questões pontuais.

Observamos que os professores se sentem cobrados, quando citam que há uma inversão de valores”, ou seja, que os pais cobram a escola e se isentam das responsabilidades.

Alguns integrantes complementam que há uma crítica à rotina da escola – cobrança ao Conselho Escolar e ao Círculo de Pais e Mestres (CPM). No entanto, o grupo percebe que a direção da escola blinda os professores, e nem todas as críticas chegam ao conhecimento destes.

Duas professoras observam que a escola Caldas tem muitos alunos que não são do bairro. A comunidade tem no Caldas a imagem de uma escola modelo, mas sabemos que não é assim, “muitas famílias agem como se a escola fosse particular, inclusive há muitos alunos que vêm de escola

particular. No entanto, a exigência que vem na carona dessa imagem é sobre a relação com a escola, com a rotina, mas não em relação à qualidade do ensino.

Aqui podemos fazer uma breve parada para refletir: ao mesmo tempo que o grupo trouxe a necessidade de os estudantes assumirem responsabilidades, parece haver uma resistência em relação a uma participação mais crítica das famílias. A imagem positiva da escola junto à comunidade, mesmo que para os professores não corresponda efetivamente à realidade (ao menos não com relação à dimensão da qualidade do ensino), parece ter um aspecto de ganho, uma vez que, ao contrário, se a imagem fosse negativa, poderia impactar negativamente também no sentimento de pertença dos docentes e discentes. Mesmo essa percepção não sendo uma unanimidade, caberia perguntar: por que ganha uma dimensão tão grande no grupo? Por que as críticas, mesmo de grupos específicos de pais, mobilizam tanto esse grupo?

Retornando ao assunto, a professora Nilda perguntou: *Vocês acham válido envolvermos uma comissão mais alargada para pensar a articulação desse projeto que já vem acontecendo e até, quem sabe, elaborar uma nova pergunta para a comemoração dos 50 anos que tenha alunos e professores juntos?*

Assim, para a comemoração dos 50 anos, o grupo decidiu por envolver os estudantes e os professores, reunidos sob o nome *Comitê alusivo aos 50 anos*. Para a participação dos estudantes, o grupo definiu que seriam convidados os representantes e vice-representantes das turmas bem como os estudantes do Grêmio Estudantil.

Os professores se ajudam. É preciso retomar as memórias afetivas, contemplar os depoimentos da comunidade. São momentos inspiradores para os estudantes.

A professora P trouxe a preocupação por meio da pergunta: Nesta perspectiva de pensar o futuro, o projeto de vida

dos estudantes, continuaríamos o trabalho em 2023? Porque o projeto guarda-chuva é muito grande e amplo. Há questões que são maiores e não podem se esgotar com o projeto dos 50 anos da escola, então é preciso construir com os estudantes algo consistente, que se discuta para reverberar na vida deles. O que será produzido para a vida? Na prática, o que isso me diz? É importante fazer uma intervenção nesse sentido. Os professores comentam que o tempo dos estudantes é diferente, eles são mais imediatistas, não pensam muito adiante.

A professora Nilda destacou que, se o grupo decidir implementar a Carta-projeto “Para além do ego” no ano que vem, assumimos o compromisso de sermos parceiros para a reflexão, a discussão e a busca por algumas ferramentas. A professora M relembra que é importante também fazer um caminho para o lixo, retomando o aarta-projeto “Por que misturar se o melhor é separar?”.

No **3º Momento**, uma vez validada a proposta no âmbito do projeto guarda-chuva de comemoração dos 50 anos, passamos às combinações para o próximo encontro.

Ficou definido que para o próximo encontro seriam convidados os estudantes e contaríamos com uma previsão de participação de 20 professores, 8 representantes das turmas e 4 estudantes do Grêmio Estudantil. Também seria feito o encerramento da Etapa I, com um breve depoimento do vivido pelos professores, a entrega dos certificados e o início da nova fase, com a participação dos estudantes.

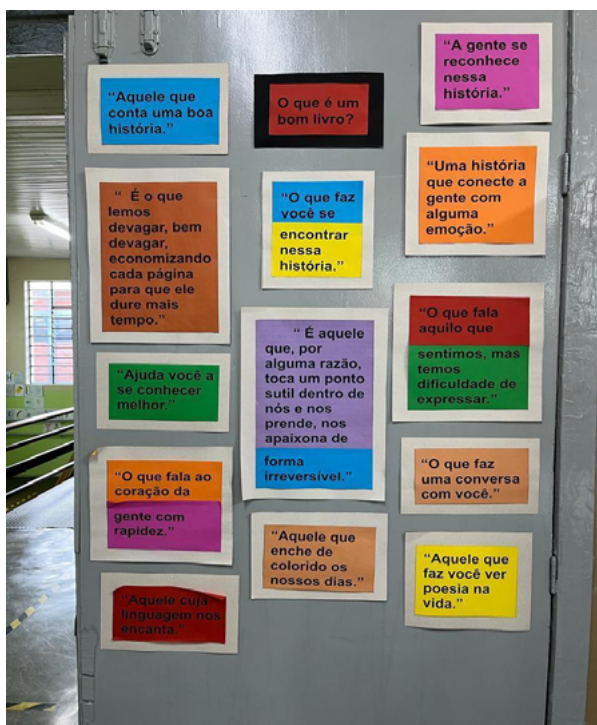
O professor D ponderou que talvez fosse importante fazer mais um encontro antes do encontro com os estudantes. Alguns integrantes do grupo lembraram que, em virtude do feriado, o tempo para enviar a autorização para os pais assinarem seria curto. Logo, a direção seria consultada e qualquer decisão contrária seria informada ao grupo.

Devido ao tempo, a avaliação ficou para o próximo encontro.

A professora Nilda agradeceu ao grupo e assim encerrou-se o encontro.

O grupo se despediu. Restou a sala, com suas frases coloridas, a dançar (quem sabe?) na solidão do silêncio do final de semana.

Próximo encontro marcado para: 23 de setembro de 2022⁶.



⁶ Posteriormente ao encerramento, percebemos que a data previamente prevista (ver carta de aula 3º Momento) era 30 de setembro. A professora Nilda realizou contato com a direção para fazer corrigir o equívoco, confirmando a reunião para o dia 30 de setembro.

PARTE III

Futures Literacy no contexto da Educação Básica

Fase II: Professores e estudantes

A formação-investigação une professores e estudantes

Em setembro de 2022, num mesmo encontro, foi realizada a finalização da Fase I, que envolveu o ritual de entrega dos certificados da formação-investigação aos professores e facilitadores participantes, e o início da formação-investigação a ser desenvolvida na Fase II, envolvendo professores e estudantes.

Além da apresentação dos resultados das construções feitas pelos professores, foram entregues as cartas-projeto aos estudantes convidados para a nova fase que iniciava: os representantes de turma e os membros do Grêmio Estudantil.

Na **Fase II**, ocorrida de setembro a dezembro, ampliou-se a abrangência da formação, com o envolvimento dos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e a instituição de um Comitê de Organização do Projeto Futures Literacy para os 50 anos da Escola Caldas Júnior, acolhido sob o título 50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje.

As interações, as construções e os resultados obtidos a partir do trabalho conjunto de estudantes, professores e facilitadores do projeto são apresentados nas memórias de aula a seguir.

Boa leitura!

Memória de Aula:
Fase II Encontro Um
30 de setembro de 2022 Presencial

**Carta de transição – Convite
para composição dos comitês de
organização do projeto 50 anos da
Escola Caldas Júnior: olhar para o
passado, compreender o presente,
desenhar o futuro para transformar
comportamentos hoje**

por Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Ao chegar na escola, encontramos os alunos (representantes de turma e membros do Grêmio Estudantil) que faziam parte do projeto sentados nas mesas do pátio com olhares curiosos. Emily, Maria de Fátima, Mateus e Nilda se direcionaram para o refeitório da escola e organizaram as cadeiras. Os professores foram chegando aos poucos, ajudando a arrumar as cadeiras em semicírculos e se acomodando nas fileiras de trás. Em seguida, chegaram os alunos que se espalharam nas primeiras fileiras.



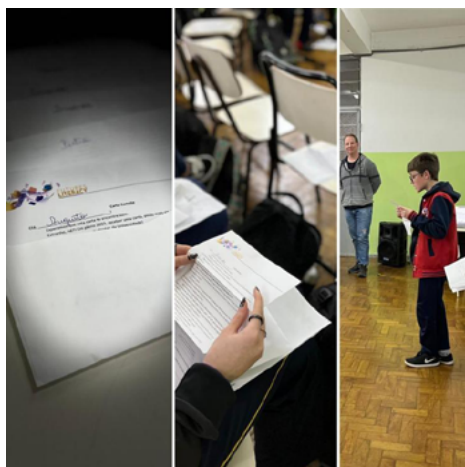


Emily e Maria de Fátima entregaram a carta de aula do encontro para os que estavam presentes.

No primeiro momento, o vice-diretor deu as boas-vindas ao grupo e explicou e retomou os percursos feitos na Fase I do projeto de formação-investigação no qual os professores tiveram envolvimento com o projeto Futures Literacy. Após, foi realizada a leitura da carta de aula com Nilda, Mateus, vice-diretor, professores e alunos. Alguns alunos se ofereceram para fazer a leitura de alguns trechos da carta.

A seguir, os professores apresentaram rapidamente os principais tópicos dos projetos desenvolvidos por eles em três grupos de trabalho. A professora N fez a apresentação do projeto Por que misturar se o melhor é separar?. Os alunos interagiram e concordaram que há má separação do lixo em sala de aula e desperdício de comida na hora do lanche. Depois a professora F apresentou a temática abordada pelo Grupo 2, relativa ao tema Quanto tempo o álcool nos dá?. Foi complementado que seria um projeto a ser desenvolvido no 9º ano com pesquisa sobre os efeitos do álcool nos adolescentes. Por fim, foram apresentadas as reflexões do Grupo 3 intitulado Para além do ego, composto pelas professoras M, P, K e R.

A seguir, a facilitadora Nilda mencionou que o grupo tinha um convite a fazer para os estudantes. Foram entregues as cartas-convite para os estudantes que, juntamente com os professores, formariam um Comitê de Organização do Projeto Futures Literacy para desencadear as comemorações dos 50 anos da Escola Caldas Júnior. Percebeu-se a surpresa e a alegria dos estudantes ao receberem a carta. A professora Nilda convidou os estudantes a lerem a carta que receberam, e, prontamente, vários voluntários levantaram as mãos, então foi feita a leitura em voz alta, com alternância de meninos e meninas das diferentes séries.



A professora Nilda perguntou: “Como se sentiram ao receber o convite?”

Houve várias manifestações: “Assim, quando recebi a carta fiquei muito feliz, porque eu nunca tinha recebido uma carta! E achei uma coisa muito legal e diferente.” Um dos meninos disse: “Quando cheguei ao Caldas eu não tinha muitos amigos, mas fiz amigos. Os professores me educaram, porque eu tinha vários problemas, e gostei muito do carinho e tive muita ajuda.”

As falas dos estudantes evidenciaram muitos sentimentos positivos em relação à escola, à equipe, aos professores, aos colegas, também ao modo como percebem a sua evolução nessa escola e estabelecem os vínculos com a instituição, além do desejo de que as pessoas que chegam possam estabelecer relações positivas igualmente

Dando sequência, o facilitador Mateus fez uma apresentação dinâmica com slides para que os estudantes pudessem conhecer o método, exemplificando como professores e estudantes podem aplicar as seis etapas da abordagem Futures Thinking para a realização do projeto de comemoração dos 50 anos da Escola Caldas Júnior:

- Etapa 1 Sensibilização (Think)
- Etapa 2 Questão de Futuro (Define)
- Etapa 3 Mineração de informações (Gather)
- Etapa 4 Análise das informações (Analyse)
- Etapa 5 – Reflexão (Reflect)
- Etapa 6 – Ação (Act)



Ao concluir a apresentação, o professor Mateus perguntou ao grupo: “Isso, pessoal, na visão de vocês, é legal?” e recebeu vários sim como resposta. A professora Nilda então perguntou como eles imaginam que poderia ser desenvolvido o projeto, e várias falas surgiram, entre as quais destacamos algumas.

Uma das alunas disse: “Teríamos que pensar em alguma coisa para que as crianças que entrassem aqui ou tivessem contato sentissem a mesma vontade que eu tive de estudar aqui”. Outro estudante relata: “Pensei que 50 anos é muita coisa para uma escola, é muito legal fazer um projeto para comemorar esses 50 anos e possivelmente juntar todo mundo. Tenho umas ideias muito legais para poder conversar com as pessoas e trazer elas. Outro menino destacou que o Caldas é

reconhecido por quem indica e por quem sai da escola como uma escola de referência nos esportes e nos estudos. Uma menina pediu a palavra e disse: “Deixa eu falar sobre o carinho que toda a equipe do Caldas tem pelos alunos, e o jeito, o respeito e o amor, todo o carinho dos professores com a gente, e o jeito que o Caldas se importa com a gente, com o nosso bem, e não é só sobre a aprendizagem, mas com o nosso bem e o nosso futuro, e a importância para a nossa vida”.

O vice-diretor fez várias considerações ao grupo, sobre o convite feito, o processo, o papel de multiplicadores que os estudantes dos comitês teriam com as turmas.

A professora Nilda perguntou aos professores como se sentiram ao ouvirem as falas dos estudantes. A professora M respondeu que há muitas coisas que não se percebe a não ser por meio da fala, e que na correria e nos problemas do dia a dia parece que “não valem nada, mas quando ouvimos as falas dos alunos passa um filme na nossa cabeça e aí fazemos uma pausa e se damos conta...”.



A fala da professora M trouxe para o concreto o que foi possível observar no semblante dos professores durante a fala dos estudantes: semblantes inicialmente sérios, que foram se iluminando, dando lugar a sorrisos que denunciavam o orgulho de quem vê refletido nas falas dos estudantes não apenas o próprio trabalho, mas o carinho e o reconhecimento de quem o recebe.

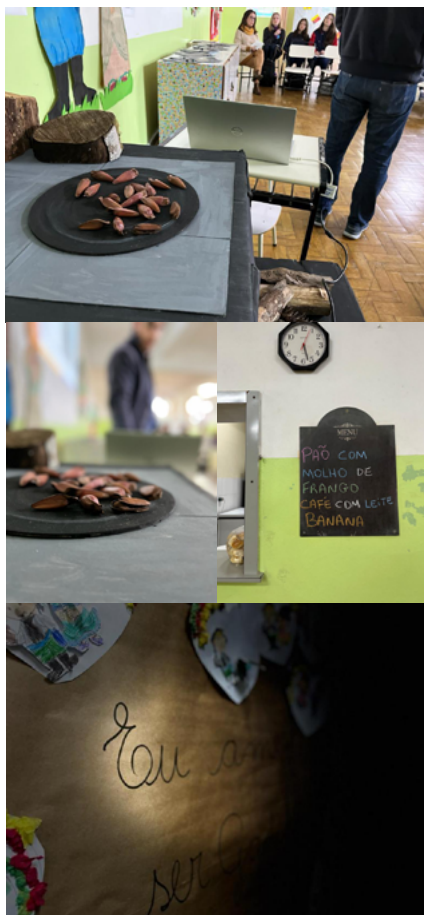
Na sequência, a professora Nilda convidou os estudantes a participar de um ritual. O encontro marcou a finalização da formação-investigação da primeira fase do projeto, e, para registrar esse momento, foram entregues os certificados aos professores e facilitadores participantes da Fase I.

Foi um momento muito alegre, em que ficou evidente a satisfação dos professores e a admiração dos estudantes pelo que estavam testemunhando. Encerrou-se o encontro com uma foto de todo o grupo e a expectativa da resposta dos estudantes

às cartas-convite para integrarem os comitês – obviamente, com a autorização dos pais.



Registros: espaços, sabores, tempos...



Crédito das fotos: Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli.

Memória de Aula:
Fase II Encontro Dois
14 de outubro de 2022 Presencial

Logística para o desenvolvimento do projeto 50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje

por Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

O encontro aconteceu no salão do refeitório da escola. Os estudantes foram chegando antes mesmo dos professores. A agitação e a empolgação estava no ar. Podia-se perceber um tanto de ansiedade, certamente pela expectativa do trabalho a ser feito, e um pouco de timidez com relação ao grupo do projeto. Mas, à medida que fomos conversando, “quebrando o gelo”, a timidez foi se dissipando. Os professores foram chegando e o som das conversas descontraídas e brincadeiras foi fluindo.

O vice-diretor deu as boas-vindas ao grupo nesta segunda fase que se iniciava, agora com a participação dos estudantes que aceitaram o convite feito no encontro anterior. A seguir, passou a palavra para a professora Nilda, que fez uma retomada das etapas da abordagem Futures Thinking, para lembrar a metodologia do projeto.



Em seguida, a professora convidou o grupo a ler a carta do encontro, explicando que se trata do roteiro de trabalho, situando os estudantes presentes (e que não puderam estar no encontro anterior, quando foi formalizado o convite para que integrassem esse grande grupo) sobre a apresentação e a discussão das seis etapas da metodologia de Futures Thinking e a formalização do convite.

A professora Nilda leu a abertura da carta e, em seguida, perguntou quem gostaria de continuar. Prontamente, um dos estudantes se manifestou e leu o parágrafo seguinte, que tratava sobre a primeira etapa do Futures Thinking, a sensibilização (Think), seguido por outros estudantes a cada parágrafo e as diferentes etapas. A cada parágrafo a professora Nilda fazia uma breve pausa, para esclarecimentos ao grupo, situando em que etapa estávamos e dirimindo dúvidas, e a leitura era retomada a partir da manifestação de vários estudantes que se voluntariavam para dar continuidade.

Foram visíveis a concentração e o interesse dos estudantes no processo. Nas pausas, a professora Nilda salientava que a pergunta de futuro proposta no texto da carta era apenas uma sugestão, mas que cabia ao comitê reelaborar, lapidar, destacando que as palavras da carta são um pouco difíceis, mas desafiam o grupo a procurar o significado e a perguntar⁷. Ressaltou ainda que o projeto poderia ficar restrito a esse grupo, nomeado de Comitê, porém a escolha feita foi envolver todo o grupo de estudantes e professores da escola bem como a comunidade.

Neste encontro o foco principal foi discutir e definir quais informações poderiam ser coletadas relativas às diferentes décadas de existência da escola. Destacou-se que o projeto envolve as comemorações dos 50 anos da escola, mas não fica desligado dos conteúdos estudados na escola. Também referiu-se que é importante pensar em como organizar o volume de informações que poderia surgir da participação dos colegas, com a organização de um repositório.

⁷ A pergunta inicialmente formulada foi a seguinte: Observando o nosso passado e presente, qual Escola Caldas Júnior queremos para o futuro?



A professora Nilda pediu licença para fazer a leitura do último parágrafo, no qual consta a sugestão de composição de trios por décadas da história da escola (anos 72 a 81; anos 82 a 91; anos 92 a 2001; anos 2002 a 2011; anos 2012 a 2022), convidando todos a colocar mãos na massa, pois, como destacou um dos alunos, é preciso fazer e não ficar só falando. Para o trabalho nos subcomitês, foi sugerido um modelo de mapa de responsabilidades e plano de ações distribuído para auxiliar os subgrupos no planejamento. Retomou-se o planejamento dos tempos para o encontro do dia: 15 minutos para leitura da carta, 30 minutos para discussão nos subcomitês e 30 minutos para professores e estudantes socializarem as ideias. Dando sequência ao trabalho, a professora Nilda passou a palavra ao vice-diretor, que explicou ao grupo como se daria a organização das atividades.

O vice-diretor explicou que seriam dois momentos: no primeiro, a formação de cinco trios de estudantes e cinco duplas/

trios de professores, separadamente, por décadas da história da escola, para pensar sobre a sensibilização aos demais estudantes e a coleta de informações (foco deste encontro); no segundo, os trios se juntam (professores e estudantes) para trocar figurinhas sobre o que pensaram como estratégias – pensar as ações, quem vai fazer o que, como vai fazer, etc. O vice-diretor coordenou a formação dos trios dos estudantes, que foram direcionados às mesas para o primeiro momento, e das duplas/trios de professores, que se organizam nas cadeiras. É importante destacar o cuidado de misturar estudantes de diferentes séries em cada grupo, bem como de professores das diferentes áreas do conhecimento em cada trio/dupla, estratégia que se demonstrou acertada no decorrer do trabalho.

A equipe do projeto distribuiu o material de apoio (folhas, canetas, modelo de mapa de responsabilidades e plano de ações) e todos começaram o trabalho. Observou-se um primeiro momento de apreensão, misturado com expectativas e dúvidas diante de o que fazer?, mas isso logo cedeu lugar ao movimento do mãos na massa.

Ao circular nos grupos, logo notamos a necessidade de uma breve explicação sobre como utilizar/preencher os mapas de responsabilidades e planos de ações. Maria de Fátima fez, então, uma breve explicação aos grupos sobre o preenchimento da matriz de responsabilidades, as entregas (tarefas) que deverão ser desenvolvidas e as atribuições de cada um (quem deve fazer **R**esponsável –, quem deve autorizar – **A**provador –, quem é especialista no assunto e precisa ser **C**onsultado e quem precisa ser **I**nformado). Também explicou como elaborar o plano de ação (o que será feito, quem fará, onde e quando será feito, recursos necessários, situação e observações).

A professora Nilda destacou que é importante definir o conjunto de informações que se pretende levantar para depois envolver os demais colegas da escola nesse levantamento,

organizar e analisar as informações levantadas, refletir sobre elas e propor algo.

Os grupos conversaram, discutiram suas ideias e foram ensaiando o uso dos instrumentos (mapa e plano de ações), constituindo-se enquanto grupos e esclarecendo as dúvidas com a equipe do projeto, que, nesse momento, foi mais demandada pelos grupos de estudantes. Observou-se uma “soltura” que foi se dando aos poucos, para fazer fluir a criatividade que decorre do envolvimento e da empolgação pelo projeto, com falas como Profe, tivemos uma ideia meio maluca!, Já pensamos várias coisas e agora estamos passando a limpo aqui no papel, além do som das conversas animadas no salão e da postura descontraída dos corpos evidenciando que algo muito rico estava surgindo ali.



O momento de juntar os grupos (estudantes e professores) para a formação dos subcomitês surgiu espontaneamente, por iniciativa dos professores. É importante notar que não foi preciso interferência da equipe do projeto para o início do segundo momento, que ocorreu naturalmente. Estudantes e professores passaram a trabalhar juntos nas mesas, compar-

tilhando, num bate-papo de produção criativa, momentos de construção.

Ao final do tempo estabelecido para a socialização, o vice-diretor informou a todos que o próximo encontro se daria em uma semana, portanto, no dia 21 de outubro, em virtude do prazo das comemorações bem como para os subcomitês organizarem as ações e fecharem o planejamento.

Na saída da escola, passou por nós o estudante G, aluno do 6º ano, que, ao ser questionado sobre o encontro, se havia gostado e o que mais gostou, respondeu para a professora Nilda: Adorei, especialmente aquela parte do planejamento! E, quando se juntaram ao nosso subcomitê, os professores agregaram ideias deles às nossas. E já sei quais serão as nossas principais fontes de informações!



Crédito das fotos: Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli.

A composição dos subcomitês foi assim constituída:

Década 1972 1981
Estudantes: B, D, N e L.

Professores: B, D e I.

Década 1982 1991

Estudantes: I, O, H e F.

Professores: M, J e N.

Década 1992 – 2001

Estudantes: J, K e E.

Professores: F, P e Q.

Década 2002 2011

Estudantes: A, C e M.

Professores: A, E e H

Década 2012 2022

Estudantes: R, Q e P.

Professores: O, K, G e C.

Memória de Aula:
Fase II Encontro Três
21 de outubro de 2022 Presencial

Planejamento dos Comitês de Trabalho do projeto “50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje

Por Emily de Melo Martello e Nilda Stecanela

O encontro III aconteceu no refeitório da escola. Os alunos e professores foram chegando e se dividindo nos cinco subcomitês. Num primeiro momento, Emily fez a entrega, a todos os presentes, das cartas de aula e da memória do encontro anterior. O vice-diretor deu as boas-vindas e entregou dois Chromebooks para cada grupo.

Na sequência, a facilitadora Nilda fez a leitura da carta de aula juntamente com os alunos e os professores que se voluntariaram para ler.



Durante a leitura da carta de aula, na Pausa I para dialogar, a professora Q, do subcomitê III, sugeriu uma pequena modificação no título do projeto. O grande grupo aprovou a mudança e o projeto ficou intitulado como “50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado vivendo o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje”.

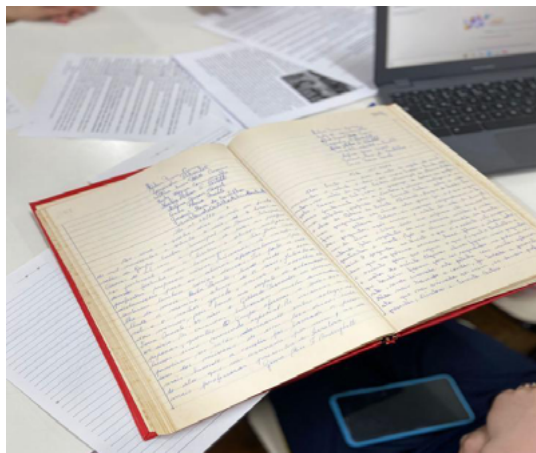
O encontro foi direcionado para que os subcomitês colocassem as mãos na massa, avançando com as etapas Gather (coleta e mineração de informações) e os primeiros passos da análise dos dados (Analyse). A facilitadora Nilda enfatizou as categorias que poderiam ser utilizadas para buscar informações e acontecimentos tanto no país e no mundo como na escola, com fotos, pesquisa de vínculos entre os familiares e a escola, descobertas científicas e acontecimentos históricos.

Os Chromebooks foram disponibilizados para que os grupos transferissem os registros manuais para um arquivo digital, com a organização do cronograma, da matriz de responsabilidades e do plano de ação. Junto à matriz de responsabilidades, foi proposto que os subcomitês montassem uma capa usando a criatividade sobre a década de cada grupo.



O subcomitê I, composto pelos professores D, I e B e pelos estudantes B, D, N e L, empenhado na etapa Gather,

fez a coleta de uma ata da escola escrita na década do grupo (1972-1981).



Muito interessante!

As imagens deste encontro mostram a relação de integração entre professores e alunos, trabalhando em grupo, em que cada um apresenta suas ideias e, juntos, aprende e transforma o trabalho, tornando-o ainda melhor.



Crédito das fotos: Emily de Melo Martello e Nilda Stecanela.

O clima de cooperação, envolvimento e trocas reforça os dizeres de Paulo Freire, pois Não há saber mais ou saber

menos! Há saberes diferentes! E assim o encontro transcorreu, com estudantes de diferentes anos e turmas, com professores de diferentes componentes curriculares e turmas. Nas palavras de um estudante do 6º ano, ao final do encontro, já no pátio da escola à espera dos pais virem buscá-lo: O que mais gostei foi conhecer professores e colegas diferentes, de outras turmas. É o senso de pertencimento à escola e a uma comunidade escolar que se materializa em ações simples, ao alcance do trabalho pedagógico!

Encaminhamentos definidos no encontro para continuidades da terceira etapa (Gather):

1. Os comitês vão reescrever as cartas-convite para serem entregues aos demais estudantes da escola. Os arquivos da carta-convite e do projeto de cada comitê serão enviados por e-mail para o vice-diretor a fim de que sejam compartilhados no AVA da Fase II Encontro Três.
2. Os comitês seguirão preenchendo as matrizes de responsabilidades, construindo os planos de ação bem como caracterizando sua identidade ou marca na folha de rosto do arquivo da sua respectiva década. Todos os roteiros de entrevistas, questionários de levantamento de dados e cartas-convite serão anexados como apêndices no arquivo do projeto do comitê.
3. Será destinado um momento para os comitês apresentarem os objetivos de seus projetos aos demais estudantes da escola e os convidarem para contribuir na construção dos dados de cada década.
4. Os comitês ficarão atentos para buscar as informações sobre a história da escola na década sob sua responsabilidade, mas também para estabelecer relações com o

que aconteceu em nível de bairro, cidade, estado, país e mundo.

5. O próximo encontro coletivo para a quarta etapa (Analyse) acontecerá no dia 4 de novembro de 2022, quando os comitês deverão trazer as informações coletadas para análise, triagem e organização da linha do tempo. Também será um momento para a definição de como será promovida a quinta etapa (Reflect) e a sexta etapa (Act).
6. A culminância da quinta e da sexta etapas acontecerá no encontro coletivo com a comunidade escolar, no dia 26 de novembro de 2022, um sábado pela manhã.

Observação: O vice-diretor ficou responsável por validar esses movimentos com o grupo ao longo da semana, entre 24 e 28 de outubro.

Memória de Aula:
Fase II Encontro Quatro
04 de novembro de 2022

Mobilização/sensibilização dos estudantes e da turmas para o projeto “50 anos da escola caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje”⁸

Por Tiago Scopel (Diretor)
Revisão: Vagner Zulianelo (Vice-Diretor)

Roteiro de Atividades

1. Combinações e definições sobre a mobilização/sensibilização dos estudantes das turmas de 6º a 9º ano para o projeto dos 50 anos.
2. Elaboração do questionário a ser disponibilizado à comunidade escolar.

Encaminhamentos

1. Definiram-se os professores responsáveis por este momento em cada turma, que acontecerá no dia 7 de novembro, sendo responsáveis por:
 - apresentar o trecho do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*;
 - conversar/refletir com os estudantes sobre o vídeo,

⁸ Este encontro aconteceu somente com os professores da escola coordenados pela equipe diretiva.

relacionando-o com a caminhada histórica da escola e o projeto de 50 anos, gerado a partir do projeto Futures Literacy;

- convidar os(as) estudantes da turma que integram os comitês a fazerem uma fala sobre o convite que receberam e como tem sido participar desses movimentos ligados ao projeto – a ideia é que cada um faça um breve relato oral, conversando com a turma;
 - indicar o próximo passo, a proposição do formulário, incentivando-os a divulgá-lo entre seus familiares e conhecidos, pois ele será a base para a etapa seguinte.
2. Após essas definições, elaborou-se o formulário (constante no Apêndice A) que será disponibilizado à comunidade escolar ainda hoje, cujas respostas serão analisadas na próxima reunião (11 de novembro de 22), e, a partir delas, serão realizados convites a pessoas que fizeram parte da história da escola para a gravação de depoimentos no sábado letivo, que acontecerá em 26 de novembro.

Sobre a construção do formulário: ele foi elaborado a partir das discussões realizadas pelos comitês nos encontros anteriores e constitui-se como a compilação das questões esboçadas por eles. Para um melhor acompanhamento, o diretor projetou o arquivo utilizando um projetor e o grupo de professores foi elencando as contribuições dos seus comitês.

Em especial, as professoras F e P já tinham feito parte do formulário, que acabou servindo de base para o trabalho, e a professora J também contribuiu com diversas dicas importantes para a sua estruturação. Uma dúvida que gerou discussões foi em relação a deixar o formulário aberto ou restrito apenas aos estudantes, mas decidiu-se pelo livre acesso. Ao todo, serão oito questões a serem respondidas, contemplando os seguintes aspectos: motivos de escolher estudar em nossa

escola; indicação de pessoas conhecidas que trabalharam ou estudaram na escola, citando o vínculo e o período em que isso ocorreu; e o relato da(s) lembrança(s) relacionada(s) à escola (vivências, acontecimentos, fatos importantes, entre outros).

Memória de Aula: Fase II Encontro Cinco 11 de novembro de 2022

Análise das respostas oriundas da consulta à comunidade⁹

*Por Tiago Scopel (diretor)
Revisão: Vagner Zulianelo (vice-diretor)*

Roteiro de atividades

Análise das respostas oriundas do formulário disponibilizado no dia 4 de novembro de 2022.

Encaminhamentos

Os professores fizeram a análise no horário da reunião pedagógica semanal. Inicialmente, o planejamento previa reunir os comitês, porém o tempo para essa análise acabou ficando restrito, em virtude da necessidade de elaboração da programação e das definições para o Dia da Copa (17 de novembro de 2022, dia letivo destinado ao desenvolvimento de atividades ligadas à Copa do Mundo 2022 com todos os estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental).

Após a análise, verificou-se que os relatos enviados foram insuficientes para os depoimentos, pois nem todos aceitaram realizar a gravação. Dessa forma, os professores elencaram mais algumas pessoas conhecidas que fizeram parte da história da escola e ficou definido quem entraria em contato com cada um para efetuar o convite à gravação do depoimento:

⁹ Este encontro aconteceu somente com os professores da escola coordenados pela equipe diretiva.

- O professor I entrará em contato com a primeira diretora, professora S;
- A professora N conversará com a sua filha, ex-aluna, que está morando na Austrália, mas pode gravar o depoimento e encaminhá-lo, e tentará contato com ex-colegas de sua filha para participarem no dia 26;
- O diretor também conversará com alguns conhecidos que estudaram na escola.

Memória de Aula:
Fase II Encontro Seis
26 de novembro de 2022 Presencial

Minha História com a Escola Caldas Júnior

Por Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

O encontro seis da segunda fase do projeto aconteceu no dia 26 de novembro, com alunos e professores convidados a participar de um sábado letivo, marcando a comemoração dos 50 anos da Escola Caldas Júnior. Os subcomitês se reuniram no refeitório e receberam os Chromebooks para dar continuidade à etapa Analyse (análise de dados) e à construção da capa para a matriz de responsabilidades.

O clima que pairava na escola era muito agradável. Professores e estudantes trabalhavam juntos, animados, imbuídos na conclusão das tarefas a que se haviam proposto. Nem o intervalo conseguiu dispensá-los: os estudantes faziam o lanche e prontamente voltavam para o trabalho no grupo.



Emily e Maria de Fátima confeccionaram um painel com a linha do tempo da escola e entregaram formulários com breves perguntas para as pessoas que passavam pelo corredor para contar sua história com a Escola Caldas Júnior. Uma vez respondidos, os formulários eram depositados em envelopes, por década, constantes na linha do tempo. Posteriormente, as interações foram reunidas e analisadas. Os participantes que desejassem escrever nos formulários eram convidados a dar continuidade à frase “Minha história com a Escola Caldas Júnior”. O formulário possuía os seguintes itens:

- Meu nome é
- Minha história com a Escola Caldas Júnior começou no ano de...
- Que fatos e/ou lugares marcaram a minha história com a Escola Caldas Júnior?
- O que a Escola Caldas Júnior representa para mim?
- Como me sinto em estar aqui e falar sobre a minha história com a Escola Caldas Júnior?
- Como imagino o futuro da Escola Caldas Júnior para as próximas décadas?

Ao todo, foram obtidas 41 participações, cujas respostas encontram-se transcritas no Apêndice B.

Na biblioteca aconteciam as gravações de depoimentos prestados por professores, alunos, coordenadores, funcionários e ex-alunos que se sentiram à vontade para contar um pouco do que a Escola Caldas Júnior significa para cada um. A equipe da produtora de vídeo realizou várias entrevistas, filmagens e imagens para a posterior edição de um documentário cuja denominação reproduz o título do projeto. Foram providenciados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para autorização de voz e imagem dos participantes, conforme regem as questões éticas em pesquisa.

Os convidados para as gravações iam chegando e um misto de timidez e expectativa podia ser percebido, mas logo deu lugar à satisfação, que transparecia no olhar que brilhava por estar ali.



Crédito das fotos: Emily de Melo Martello, Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli e Nilda Stecanela.

Memória de Aula: Fase II Encontro Sete 16 de dezembro de 2022 Presencial

Parada reflexiva

Por Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

O último encontro da Fase II aconteceu na sala de informática, uma vez que o refeitório estava sendo organizado para a formatura dos 9º anos.



Estavam presentes: Emily, Maria de Fátima, vice-diretor e professores. Os estudantes não puderam estar presentes, pois as aulas já haviam encerrado e era o dia da formatura do 9º

ano. O clima era de cansaço e exaustão de um final de tarde de uma sexta-feira acompanhada de um final de ano.

No primeiro momento, o vice-diretor deu as boas-vindas e apresentou o vídeo gravado pelos facilitadores Nilda e Mateus, que retomaram a trajetória, o objetivo e as fases do projeto.

Após, Maria de Fátima fez o convite para uma parada reflexiva, utilizando como instrumento um formulário para que os professores retomassem suas memórias vividas no projeto desde o momento em que aceitaram participar dele. Depois, relembando a etapa “Define”, ou seja, a pergunta de futuro que foi definida na Fase II – “Observando o nosso passado e presente, qual Escola Caldas Júnior queremos para o futuro?” –, propôs manifestações espontâneas dos professores para responder a questão.

A professora F comentou que aquele era um dia triste para responder essa pergunta, diante da tristeza e da decepção que os professores estavam sentindo devido à aprovação, pela Câmara de Vereadores, da reforma da previdência dos servidores municipais. O vice-diretor destacou que, apesar desse fato complicado lembrado pela professora F, o momento que para ele ficou marcado foi a atividade realizada no dia 26 de novembro, quando estudantes e docentes trabalharam de forma integrada no projeto. Para a professora C, ao pensar no futuro da escola, sua palavra-chave seria “participativa”, por ouvir e envolver os alunos e entender o interesse deles. A professora Q gostaria de desconstruir a ideia de olhar para os alunos somente a partir das disciplinas, mas também das suas habilidades, e complementou que muitos demonstram prazer durante as atividades físicas, mas não conseguiram desenvolver em sala de aula. A professora J concordou com o vice-diretor sobre o encontro do dia 26 de novembro e disse que se sentiu muito feliz nos encontros, por estar trabalhando junto com os alunos. A professora N concordou e complementou: “nós na mesma mesa, de igual para igual, como se fôssemos colegas.



Na sequência, o vice-diretor deu um breve spoiler de trechos do documentário *50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje*.

Foi entregue um formulário para registro da análise reflexiva sobre o vivido no projeto, para ser respondido por professores e estudantes, cujas interações encontram-se nos Apêndices C e D desta coleção.

Seguindo para o desfecho do encontro, foi feita a entrega dos atestados referentes à participação na Fase II do projeto Futures Literacy aos professores. Por fim, Maria de Fátima e Emily aproveitaram para agradecer pela receptividade dos professores e da equipe diretiva da Escola Caldas Júnior e desejaram a todos um feliz Natal e um próspero ano novo!

Crédito das fotos: Emily de Melo Martello e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli.

Memória de Aula: Fase II 25 de
março de 2023 Presencial

Lançamento do documentário *50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje*

Por Nilda Stecanela

O ano de 2022 findou, o ano de 2023 iniciou e novamente estamos juntos com a Escola Caldas Júnior, desta vez para contemplar o lançamento do Documentário *50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje*.



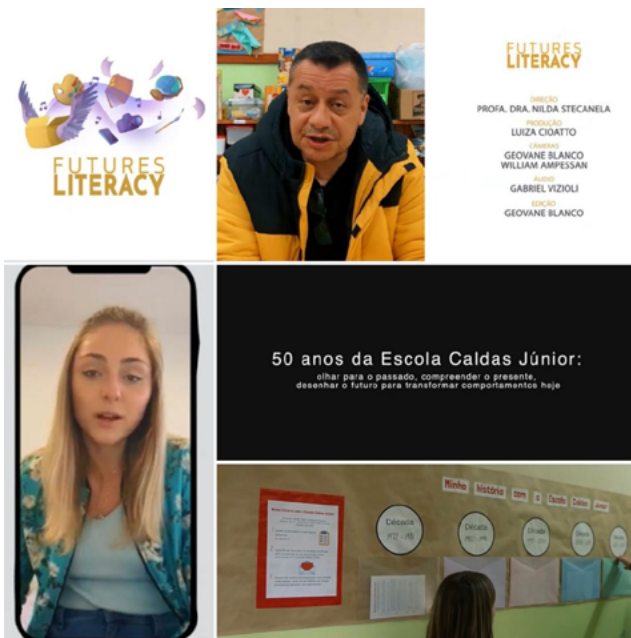
Era um sábado, de despedida do verão e entrada no outono, temperatura agradável, dia letivo na escola, movimentação de carros e pessoas no entorno da escola, intervalo do

recreio, estudantes e professores se deslocando para o espaço do refeitório da escola, cada um pegando sua cadeira e sentando-se em semicírculo, como se houvesse um lugar demarcado para cada cadeira, em cada meia lua que se formava. Havia expectativas dos integrantes dos comitês organizados em 2022 – alguns já não estavam no projeto.

Os convites foram encaminhados virtualmente para o lançamento pela plataforma YouTube. Muitos comentários de satisfação foram manifestados no espaço virtual, com algumas emoções de quem se via na tela projetada e agradecimentos por ter feito parte do projeto:

Que vídeo incrível! Eu amo essa escola com todo o meu coração. Estudei de 91 a 99 e as lembranças são vivas, felizes e de muita saudade. Sinceramente, desejo que o futuro seja ainda melhor e só deixe boas marcas na vida de quem passar por aí♥”.

“Bom dia, Prof. N! Gostaria de te agradecer por esse lindo trabalho. Fiquei emocionado ao ver o vídeo. Eu e meus irmãos estudamos todo o Ensino Fundamental nessa amada escola. Fui colega do professor M. Somos grandes amigos até hoje. Faça parte do grupo que ele cita no vídeo e sou amigo de muitas pessoas que participaram desse documentário. Muito lindo! Amo o Caldas! Foi a minha base de ensino para minha vida. Gratidão e parabéns pelo lindo trabalho!



Crédito das fotos: Nilda Stecanela, e Giovane Blanco e William Ampessam (fotogramas cenas do documentário)

Fica o desejo para as reverberações e para o novo encontro, dessa vez, para o seminário sobre os temas emergentes da educação contemporânea, lançamento do Portal do Projeto Futures Literacy no Contexto da Educação Básica, contendo os produtos sistematizados de todo o processo, previsto para o segundo semestre de 2023. Muitas aprendizagens, muitas sistematizações, laços que não se desfazem, lutas permanentes pelo reconhecimento do direito à educação e à docência, pelo direito de aprendizagem e desenvolvimento de infâncias e juventudes, pelo desafio de aprender ao longo da vida!

Referências

50 ANOS da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje. Direção: Nilda Stecanela. Produção: Luiza Cioato. Caxias do Sul, 2023. Vídeo (28min). **YouTube**, 25 mar. 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tFX4RR3Bglw>. Acesso em: 09 jun. 2023.

APÊNDICES

Apêndice A

Questionário memórias da comunidade escolar”

Projeto 50 anos Caldas Júnior

Este questionário, vinculado ao projeto 50 anos, é destinado aos atuais estudantes da Escola Caldas Júnior e objetiva resgatar memórias da comunidade escolar.

***Obrigatório**

- 1 Qual é o seu nome? *
- 2 Qual é a sua turma? *
- 3 Por que você escolheu estudar na escola Caldas Júnior? *
- 4 Você conhece alguém (familiar, vizinho, amigo...) que estudou ou trabalhou na escola Caldas Júnior?
 - 4.1 Se a resposta anterior for “Sim”, qual o nome completo dessa pessoa?
 - 4.2 Em que período essa pessoa esteve vinculada à escola?

Marcar apenas uma oval.

- 1972 – 1981
- 1982 – 1991
- 1992 – 2001
- 2002 – 2011
- 2012 – 2022

4.3 Qual era o vínculo dessa pessoa com a escola na época?

Marcar apenas uma oval.

- Aluno(a).
- Professor(a).
- Funcionário(a).
- Responsável por aluno(a).
- Membro de equipe diretiva.

4.4 Peça para essa pessoa fazer um breve relato de uma lembrança que tem da escola. Depois de ouvir, escreva essa história no espaço abaixo.

Apêndice B

Interações minha história com a Escola Caldas Júnior

Minha história com a Escola Caldas Júnior

A Escola Caldas Júnior completou 50 anos. Que tal dar um depoimento sobre como é a sua história com ela?

1. Meu nome é (O nome dos respondentes foram substituídos pela letra R, seguida dos números 1 a 41) e a minha história com a Escola Caldas Júnior começou no ano de...

R1: 2022

R2: 2016

R3: 2022

R4: 2013

R5: 2013

R6: 2021

R7: 2016

R8: 2022

R9: 2015

R10: 2020

R11: 2013

R12: 2016

R13: 2022

R14: 2022

R15: 2022

R16: 2017

R17: 2020

R18: 2014

R19: 2015

R20: 2015

R21: 2018

R22: 2016

R23: 2019

R24: 2013

R25: 2014

R26: 2020

R27: 2016

R28: 2021

R29: 2016

R30: 2016

R31: 2019

R32: 2021

R33: 2021

R34: 2016

R35: 2021

R36: 2011

R37: 2010

R38: 2010

R39: 2004

R40: 1982

R41: 1976

2. Que fatos e/ou lugares marcaram a minha história com a Escola Caldas Júnior?

R1: A cozinha, adoro quando os alunos agradecem pela refeição e ainda pedem receita.

R2: Dia 26/11/22, quando estamos fazendo trabalhos sobre os 50 anos da escola.

R3: Que eu lembre nem um, cheguei no finalzinho do ano.

R4: Acho que o que marca é o carinho, a admiração, o respeito, o amor, o cuidado que a escola tem com cada um dos alunos, vínculos fortes e pontes que jamais serão destruídas.

R5: Vários, mas principalmente tudo o que eu vivi com os professores e colegas.

R6: – Não interagiu –.

R7: A minha chegada na escola me deixou bastante apreensiva, pois ela tinha fama, era muito disputada pelos professores, então a responsabilidade de fazer o meu melhor era muito grande.

R8: Nenhum.

R9: Muitos ótimos alunos, participativos, propositores. Conversas e debates muito interessantes.

R10: O fato de eu ter passado de ano.

R11: A apresentação na mateada em 2014. A pintura do ginásio, as semanas literárias, a prof. Ângela (4º e 5º ano) e a prof. Vanessa (8º e 9º ano).

R12: Nenhum.

R13: – Não interagiu –.

R14: A praça na frente da escola.

R15: A cozinha, onde as crianças elogiam a minha comida e dizem que é a melhor do mundo.

R16: Amizades, o lugar que marcou minha história no Caldas foi o ginásio, me diverti muito e sou muito feliz no Caldas.

R17: Minha história com a escola é recente, considero que estou em fase de adaptação (nesses 3 anos, passei por licença maternidade e pandemia), mas, se pudesse escolher um lugar, seria a biblioteca.

R18: O parquinho, a sala de artes e a sala de aula.

R19: O dia que ganhei a rifa da páscoa na escola.

R20: A escola toda, porque é muito boa e pretendo ficar aqui até o 9º ano.

R21: Nenhum.

R22: A escola, pois foi onde conheci muitas pessoas incríveis e aprendi muita coisa.

R23: O passeio à PUCRS.

R24: Premiações, jogos, semanas literárias.

R25: Os passeios com a escola; os dias temáticos (Halloween, Copa do Mundo, etc.).

R26: O fato de me excluírem na turma e o de eu me enturmar mais com o 9º ano.

R27: – Não interagiu –.

R28: Meus amigos e os passeios.

R29: Quando o parquinho tinha chão de terra.

R30: Amizades, passeios.

R31: Aula.

R32: Toda a escola, principalmente na aula de artes e por eu ter feito muitos amigos.

R33: Foram os passeios, os lugares da escola e muitos outros.

R34: Integrar a equipe diretiva e todos os desafios novos que surgiram a partir disso (especialmente na pandemia).

R35: O apoio das pessoas.

R36: Projeto UCA, projeto com os Clowns, Mostra de Trabalhos.

R37: Sou professora de Educação Física desde 2012, quando fui nomeada no município de Caxias do Sul.

R38: Fiz o meu estágio acadêmico de Educação Física no ano de 2010 com duas turmas: 9º ano e Educação Infantil.

R39: Escolha da minha especialização motivada por um aluno com deficiência auditiva; Projeto UCA; Projeto de Verão (pintura nos muros da escola); Festival de dança; Projeto Engenharia Solidária...

R40: Estudei na primeira turma a se formar na 8ª série da escola, porque até então só tinha até a 7ª.

R41: O mobiliário! Mesas e cadeiras pequenas. Os lápis de cor, a massinha de modelar, a professora austera, porém, muito incentivadora.

3. O que a Escola Caldas Júnior representa para mim?

R1: Meu trabalho, mas me sinto bem aqui, porque sou reconhecida pelo que faço tanto pelos professores e direção quanto pelos alunos.

R2: Um lugar de aprendizado, educação, respeito.

R3: Escola com uma educação boa.

R4: Representa uma parte da minha história, o começo de uma trajetória, representa muitos sentimentos, não há escola como o Caldas! Muito amor, carinho, dedicação, respeito!

R5: Representa eu persistir no meu sonho de vida.

R6: É uma escola de muita educação com os funcionários.

R7: Um espaço em que me sinto acolhida, valorizada e, sobretudo, que me mantém em constante desafio. Um espaço em que aprendo mais do que ensino.

R8: Uma escola.

R9: Um espaço de trocas de experiências, vivências, aprendizado e amizade.

R10: Uma escola muito fácil de aprender as coisas e com professores legais!

R11: Um lugar de conforto, conhecimento e amadurecimento. É como se fosse uma segunda casa para mim.

R12: Um local de ensino e responsabilidade.

R13: Estudo e aprendizado.

R14: Uma parte muito importante da minha vida.

R15: Um lugar de aprendizado, cuidado e confiança.

R16: Representa união. Todos se ajudam e sempre tentam arrumar uma solução ao problema.

R17: Além de representar profissionalismo, simboliza vida, movimento, juventude.

R18: Uma segunda casa.

R19: Amizade e educação

R20: – Não interagiu –.

R21: Ela representa boa parte do meu conhecimento e aprendizado que vou levar para a vida.

R22: Representa muita coisa, até porque eu e muitas/os alunas/os criamos muitas memórias boas (e outras nem tanto) só aqui dentro.

R23: Show de bola.

R24: Um espaço de conviver com diversidades e conhecimento.

R25: Representa a maior parte da minha infância e adolescência, sou muito grata por essa escola ter feito parte da minha história.

R26: Um ótimo local de ensino.

R27: Família, principalmente. Para mim, a Caldas Júnior é um lugar de amizades e aprendizagem.

R28: Representa muito. Ensino, respeito, aprendizado, segurança.

R29: Representa um lugar com memórias.

R30: Aprendizado, segurança.

R31: Sabedoria.

R32: A escola Caldas Júnior representa para mim muita coisa, principalmente espírito de união.

R33: Uma escola boa.

R34: Um compromisso constante, um local que acaba sendo uma extensão da casa, pelo tempo de permanência.

R35: União.

R36: Realização profissional, lugar em que pude concordar, discordar, finalizar, começar de novo, retomar, acompanhar. Lugar em que pude pertencer.

R37: Um porto seguro.

R38: Uma grande casa.

R39: Um espaço de convivência e aprendizagem.

R40: Atualmente a escola se tornou minha realização profissional, faço o que gosto numa escola que amo.

R41: Ajudou a formar o meu caráter!

4. Como me sinto em estar aqui e falar sobre a minha história com a Escola Caldas Júnior?

R1: Emocionada e grata, porque é onde passo a maior parte do meu dia e cozinho com dedicação e amor.

R2: Para mim é uma experiência muito boa.

R3: Não tenho história.

R4: Me sinto privilegiada por poder falar que estudei numa escola tão incrível quanto o Caldas.

R5: Me sinto muito bem e satisfeita.

R6: Gosto muito de trabalhar aqui.

R7: São sete anos intensos, tanto que parecem 20 anos. Me sinto parte da escola, feliz por estar ajudando a fazer e contar a sua história.

R8: Normal.

R9: Gosto muito da escola e gosto de lembrar fatos antigos.

R10: Legal.

R11: Me sinto muito honrada por fazer parte dessa história.

R12: Normal.

R13: Eu não sei dizer...

R14: Me sinto bastante feliz.

R15: Sinto-me agradecida de poder fazer parte dessa história.

R16: Sempre me senti bem, me sinto à vontade para conseguir estudar.

R17: Me sinto incluída. Às vezes, emocionada.

R18: Feliz, animada.

R19: Muito feliz de estar compartilhando isso.

R20: Sinto-me bem, porque é uma escola muito boa.

R21: Sinto-me normal em compartilhar a história.

R22: Sinto-me feliz por participar dessa história.

R23: Normal.

R24: Entusiasmada.

R25: Sinto-me muito honrada em falar sobre a escola, porque ela faz parte da minha história.

R26: Triste.

R27: Sinto-me bem, a escola é ótima.

R28: Sinto-me bem em falar da minha história com a escola.

R29: Sinto-me feliz.

R30: Sinto-me fazendo parte da história da escola, e isso me alegra.

R31: Neutro.

R32: Sinto-me privilegiada por estar estudando aqui no Caldas Júnior

R33: Sinto-me muito feliz.

R34: Feliz, pois posso concretizar grande parte do que acredito para a educação.

R35: Feliz.

R36: Orgulho.

R37: Feliz por fazer parte dessa história.

R38: Sinto-me feliz em fazer parte dessa história.

R39: Contente de lembrar o que realizei e compartilhei com colegas e estudantes.

R40: Tenho muito orgulho de fazer parte da história dessa escola que é a mais conceituada como escola pública em nossa cidade.

R41: É uma honra poder fazer parte do registro dessa história.

5. Como imagino o futuro da Escola Caldas Júnior para as próximas décadas?

R1: Espero que mantenha sempre esse ambiente de aconchego, calor humano e aprendizado.

R2: Que fique bem melhor já do que é.

R3: Uma das melhores escolas.

R4: Um futuro incrível! Tenho certeza de que o Caldas vai continuar com uma equipe incrível. Imagino muitas pessoas

saindo do Caldas com a visão de que é a melhor escola da vida delas.

R5: Imagino que vá crescer cada dia mais.

R6: – Não interagiui –.

R7: Acho que a escola pode se colocar no futuro de uma forma mais integrada e conectada com o mundo, que está em constante transformação e exige uma nova escola.

R8: Normal.

R9: A Escola seguirá sua linda trajetória, seja em níveis esportivos, resultados de avaliações externas e índices de Educação/Alfabetização.

R10: Que evolua bastante.

R11: Imagino que vai continuar sendo essa escola incrível que sempre dá muito orgulho para toda a comunidade.

R12: Com muitos alunos.

R13: Com mais atividades customizadas devido à alta da economia no Brasil.

R14: Uma escola bastante desenvolvida.

R15: Espero uma escola que evolua conforme as novas tecnologias e estudos, mas mantenha sua essência.

R16: Vai ser uma escola tecnológica, um lugar onde as pessoas vão estar confortáveis ao estudar.

R17: Imagino uma escola que se atualiza, se movimenta, na qual as linguagens possam cada vez mais marcar a comunidade acadêmica como uma ferramenta de empoderamento.

R18: Muito melhor, mais bonita.

R19: Imagino um futuro muito próspero.

R20: Que ela melhore as coisas.

R21: Imagino que ela terá muita evolução, desde reformas até em ensino.

R22: Acredito que nas próximas décadas a escola vá ter muitas mudanças para melhorar o ambiente, mesmo já estando bom.

R23: Acho que vai continuar a mesma coisa.

- R24: Compromisso com a educação de qualidade.
- R25: Imagino uma escola inovada, com novas tecnologias e formas de ensino.
- R26: Uma ótima escola, e espero que seja melhor do que atualmente.
- R27: Maravilhoso, com premiações e alunos ótimos.
- R28: Mais forte e trazendo sempre novidades.
- R29: Imagino melhor do que já é.
- R30: Mais forte e com novas novidades.
- R31: Não sei, depende dos alunos que vierem.
- R32: Imagino ela mais legal, divertida, alegre e descontraída.
- R33: Muito bom.
- R34: Acredito que continuará sendo um local que acolhe e promove educação de qualidade.
- R35: Um bom futuro.
- R36: Espaço de esperança, alegria, acolhimento, um lugar para ficar.
- R37: Uma escola referência para a rede municipal: pelo ensino, pelos projetos inovadores, pela empatia, pela alegria e pelo amor (cuidado).
- R38: Comigo aqui como professora por muitos anos.
- R39: Que siga compartilhando pensamentos, sentimentos e ações para o desenvolvimento e o bem-estar de todos.
- R40: Vejo ela crescendo em aprendizagem, culturalmente, e formando novos talentos em nosso município.
- R41: Um futuro que transforme as pessoas em cidadãos!

Apêndice C

Interação de professores

Olhar o caminho percorrido, definir novos rumos! (16 de dezembro/2022)

Parada para reflexão:

Em toda caminhada é importante realizar momentos de parada que nos permitem olhar para o caminho percorrido e pensar como desejamos seguir adiante.

Nosso convite é para que você olhe para a sua trajetória no Projeto Futures Literacy no contexto da Educação Básica e no projeto que você ajudou a construir denominado 50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje. Retome suas memórias do vivido desde o momento em que você aceitou fazer parte dele.

Para auxiliar a reflexão, apresentamos algumas pistas, mas fique à vontade para acrescentar as observações que desejar:

1) Quando iniciei nesse projeto eu esperava que...

P1: Ele se concretizaria como uma possibilidade de inovação pedagógica, sem desconsiderar a caminhada já percorrida pela escola, atendendo a formação continuada necessária, auxiliando na retomada das ações no momento de retorno à presencialidade e colaborando na qualificação docente, em prol da continuidade do trabalho que já vem sendo desenvolvido e que pode ser aperfeiçoado cada vez mais.

P2: Iríamos trabalhar mais diretamente, focando, especialmente nas habilidades da BNCC e do DOCCX. Penso que não compreendi bem o objetivo e demorei a me centrar na formação.

P3: Sinceramente eu não tinha ideia do que esperar, mas nos foi passado que seria um projeto em parceria com a UCS sem maiores detalhes.

P4: Iríamos especificar mais as habilidades da BNCC.

P5: Iríamos ser instruídos a implementar a base no nosso dia a dia, nos conteúdos desenvolvidos pela escola.

P6: Eu estudaria novas metodologias de ensino e aprendizagem, além de aprofundar meus conhecimentos em relação à BNCC e a outros documentos orientativos.

P7: Na verdade eu não sabia muito bem como seria o desenvolvimento do projeto. Gostei do fato de termos a possibilidade de pensar fora da caixa e trazer para cá temas que nos fazem pensar e refletir.

P8: Cada grupo colocaria em prática o projeto que idealizou.

P9: – Ilegível –.

P10: Ele seria envolvente e amplo, com alguns direcionamentos voltados ao ensino na sala de aula, com uma formação tradicional, mas, ao mesmo tempo, propondo outras formas de trabalho a educação.

P11: – Ilegível –.

P12: Haveria muitas trocas de ideias e conhecimentos sobre o papel do professor no modelo de sala de aula e de Educação que voltava se constituindo para o futuro.

P13: Haveria mais trocas entre alunos e professores.

P14: O projeto indicaria novos caminhos metodológicos para a aplicação nas minhas aulas; acho que indicou, mas achei que a aplicação foi um pouco truncada; em certa medida, um pouco acelerada.

P15: Construiríamos umas propostas de planejamento Wpedagógico coletivo, desafiador e multidisciplinar.

P16: Vivenciaríamos novas experiências junto aos estudantes.

P17: Conseguiríamos implementar um projeto que envolvesse ativamente os estudantes na construção das etapas, favorecendo o aprendizado de todos.

2) Me envolvi em...

P1: Um pouco de tudo. Desde os momentos iniciais, no acolhimento da ideia, até a concretização e a readequação constante das ações planejadas.

P2: Todas as etapas o tanto quanto possível e junto ao meu grupo na elaboração do nosso projeto, participando

com sugestões, opiniões, questionamentos. Na fase II, que considerei bem interessante, o trabalho com colegas professores e estudantes foi muito gratificante.

P3: Todos os aspectos, pois quando iniciaram as questões da educação voltadas para o contexto da escola e sua trajetória nesses 50 anos o envolvimento aumentou pela questão de pertencimento em relação à escola e suas particularidades.

P4: Todas as etapas, com grande expectativa e cuidado.

P5: Reconheço que no início fiquei um pouco de fora, sempre observando o andamento dos encontros e discussões, mas com o tempo fui ganhando “corpo” junto aos demais colegas. Me arrependo de não ter me envolvido antes.

P6: Todas as etapas do projeto, e fiquei muito satisfeita com o que produzimos.

P7: No desenvolvimento das ideias para que o projeto tivesse o seu início (no que se refere ao grupo), no acompanhamento dos estudantes durante as atividades e nas demais atividades desenvolvidas pelo grupo no decorrer dos meses.

P8: Pesquisar os fatos marcantes da década, planejar e organizar a linha do tempo.

P9: – Ilegível –.

P10: Refletir e organizar uma linha de pesquisa que despertasse o interesse do grupo e dos estudantes.

P11: – Ilegível –.

P12: Trocas de opiniões, acréscimos, acompanhamentos, construções coletivas de saberes. Me envolvi no projeto dos 50 anos da escola, posteriormente.

P13: Escrever o projeto e propor ações.

P14: Todas as etapas; na escrita do projeto do grupo, na participação nos comitês, na execução de tarefas.

P15: Pensar e colaborar para organizar algumas etapas do que pensamos.

P16: Todos os processos do projeto.

P17: Tantos encontros quanto foi possível, pois as demandas da escola, as reuniões administrativas da SMED e até mesmo o período de férias fez com que eu não pudesse acompanhar todo o processo.

3) Aprendi que...

P1: Tudo é possível quando há confiança e parceria, apesar das dificuldades inerentes do processo. Ainda, aprendi a reaprender (se isso é possível e assim denominado) que a formação continuada na prática é bem diferente da teoria, em momentos que acabam sendo insuficientes para todas as demandas que surgem. Complementarei na sexta questão.

P2: Revisitei aprendizagens conceituais, mas, mais do que isso, fazia algum tempo que não trabalhávamos assim, então revivi a necessidade de dar o protagonismo aos estudantes e vê-los assumir lindamente esse papel nos comitês.

P3: O envolvimento de todos os setores com o mesmo propósito e aceitação transforma o cotidiano e projeta novas perspectivas em relação ao bem comum.

P4: As atividades entre as turmas e o reagrupamento foram muito gratificantes. Podemos e devemos continuar com essa metodologia, proporcionando mais momentos de integração.

P5: O trabalho, quando feito em grupos em que todos se empenham e doam um pouco de si, é muito prazeroso e deixa de ser “pesado”.

P6: A metodologia funciona, os colegas têm ótimas ideias, mas nem todos acreditam que pode dar certo.

P7: Os estudantes têm maior potencial para superar desafios que lhes são propostos e conseguem se organizar muito bem.

P8: Nossos estudantes têm muito a nos ensinar. A troca de aprendizados é algo comum no dia a dia, em sala de aula, mas os momentos de planejamento e sistematização do projeto e da pesquisa junto dos nossos alunos, na mesma mesa, de igual para igual, foram muito marcantes.

P9: Planejamento sistematizado é importante no desenvolvimento de projetos.

P10: É muito prazeroso trabalhar com os estudantes numa perspectiva de troca de conhecimentos e ideias sem a tradicional hierarquia professor-estudante, mas como membros de um mesmo comitê para discussão de um tema que é do interesse de todos.

P11: – Ilegível –.

P12: A transformação de comportamentos e a agregação de conhecimentos não podem ser vias de mão única: todos devem se envolver.

P13: Os estudantes têm muitas ideias que podem ser postas em prática.

P14: Sempre se pode refletir sobre a nossa prática docente e, sobretudo, estar aberta a outras propostas.

P15: Trabalhar e pensar em conjunto é gratificante.

P16: Compartilhar sentimentos e ideias facilita todo e qualquer projeto.

P17: Nossos estudantes são bastante proativos e autônomos. Eles criaram, apresentaram, envolveram-se e foram muito bem em diferentes áreas nos mais variados campos. Me surpreendi com alguns resultados positivos.

4) Sobre dificuldades, posso dizer que...

P1: Elas podem ser superadas quando há engajamento coletivo. Posso elencar aqui a maior dificuldade: concretizar o planejamento, conciliando com a rotina escolar (especialmente, no ano de retomada à presencialidade), e executar as ações de modo a atender às expectativas. Como outra dificuldade, indico que a unanimidade nunca (ou melhor, na maioria das vezes) não ocorre. Complementarei no item 6.

P2: O uso dos termos em inglês configuraram não uma dificuldade, mas um detalhe que me incomodou um pouco. Além disso, os momentos de reuniões (sexta-feira, final do dia) não favoreceram a atenção plena.

P3: O contrário que respondi anteriormente também é verdadeiro: quando propósitos e caminhos não se afinam os resultados não serão os esperados ou pretendidos. Esses dois aspectos aconteceram no decorrer dos nossos encontros e possibilitaram um crescimento e um amadurecimento pessoal.

P4: Envolver todos os alunos, ou a grande maioria.

P5: Foram sendo ultrapassadas conforme o engajamento se tornou efetivo, em que cada participante/integrante se reconheceu como parte do projeto.

P6: Quando encontramos o caminho que iríamos percorrer, o tempo mostra-se escasso.

P7: É possível superá-las. Trabalhos em grupo são desafiadores, visto que há divergência de ideias e opiniões, mas, no final, o objetivo comum faz com que sejam mais prazerosos.

P8: Após um ano e meio de afastamento da escola, foi um ano muito difícil, por isso eu não estava muito engajada ou interessada, mas no decorrer da caminhada fui entrando no “clima” e gostei muito de ter participado.

P9: Alguns conceitos de aprendizagem, pesquisa, desenvolvimento de projetos e planejamento foram mais demorados de desenvolver. Pensar numa metodologia inovadora que fizesse a diferença imediata e parte do dia a dia da escola.

P10: Toda novidade envolve certo grau de receio, cuidado. E abrir-se para o novo requer desprendimento, “sair da caixa”. Esse movimento talvez se constitua numa dificuldade inicial, que foi superada no decorrer do trabalho.

P11: – Illegível –.

P12: O cansaço físico e mental, para mim, foi um empecilho, tendo em vista que a maioria dos encontros foi formatado depois de aulas cansativas.

P13: —

P14: Alguns conceitos da metodologia ainda ficaram bastante abstratos.

P15: A distância entre o planejado e a execução é um empecilho da viabilização do projeto.

P16: Dificuldades nos motivam a percorrer novos caminhos.

P17: O pouco tempo destinado aos estudos/debates/ construções em grupo fez com que eu perdesse o desenrolar das ações. Durante o ano precisamos alterar a data de alguns encontros, e de alguns não pude participar, como já mencionado.

5) A partir da minha trajetória no projeto, considero que...

P15: Sou feliz com o que faço. Essa foi uma possibilidade que reafirmou tudo o que acredito: promoção de um trabalho sério que promove a transformação e qualifica a educação, mesmo com os percalços. Encerro este ano com a certeza de que as mudanças e as reflexões proporcionadas pelo projeto

reverberam no próximo ano letivo em diferentes aspectos, consolidando minhas expectativas iniciais.

P2: A mim parece que ficou faltando um pedaço. Talvez as ideias dos estudantes em cada comitê deveriam ter sido mais levadas em conta, pois no final foi optado por um formato único.

P3: Saí muito melhor do que entrei – ou melhor, continuarei com mais “ferramentas” e subsídios para a jornada que é compartilhar e receber ensinamentos.

P4: Deveríamos continuar no ano de 2023 nesse formato entre os colegas nas reuniões pedagógicas.

P5: De agora em diante “pensarei” em outras “possibilidades” de trabalho. Sair do “sempre o mesmo”. Olhar de outra maneira para realizar os processos de aprendizagens.

P6: Temos, como grupo, algumas ideias a considerar na revisitação, em 2023, aos documentos PP e regimento.

P7: – Não interagiui –.

P8: Foi muito válido participar, pois me motivou a planejar o envolvimento em outras formações para o próximo ano.

P9: Envolver os alunos desde a concepção do projeto, ouvindo suas ideias e sugestões, é importante no processo da sua aprendizagem. O pertencimento na elaboração e, principalmente, no tema a ser desenvolvido é o marco para o envolvimento e o sucesso do empreendimento.

P10: Adquiri alguns conhecimentos; relembrei algumas outras situações e, no final das contas, o projeto veio para acrescentar nas relações com colegas e estudantes.

P11: – Ilegível –.

P12: Aprendi, ensinei, pude contribuir... mas a melhor parte foi ver o envolvimento dos alunos.

P13: Devemos incentivar o protagonismo estudantil e estar abertos ao trabalho interdisciplinar.

P14: É importante refletir e desacomodar; o professor precisa continuar sendo um estudante; e a formação continuada é fundamental.

P15: Ficamos muito tempo no planejamento e não tivemos tempo para a implementação e a execução com os alunos.

P16: Trabalhar em equipe nos proporciona rever ações; às vezes é necessário saber recuar para poder avançar.

P17: Aprendi uma nova metodologia de trabalho, aproximando as habilidades dos estudantes e as dos professores; as trocas entre os grupos foram muito produtivas.

6) Utilize o espaço a seguir para acrescentar outras considerações (vivências, observações, curiosidades, dúvidas, sugestões...) sobre a sua participação no projeto.

P1: Na verdade, as considerações elencadas a seguir complementarão as respostas dos itens 3 e 4. Ao realizar uma análise do processo como um todo, percebi que o projeto, quanto à metodologia, deixou algumas lacunas conceituais devido ao percurso realizado. Explico: devido aos frequentes ajustes no decorrer do desenvolvimento, tive a impressão de que algumas etapas foram sintéticas demais na abordagem e não tão realçadas na vivência prática, o que deixou alguns participantes um pouco perdidos nessa vivência. Isso não significa que o planejamento não foi de acordo ou insuficiente, mas as necessidades que foram surgindo paralelamente fizeram com que a continuidade do foco se perdesse, por vezes, implicando rupturas e ruídos de comunicação e compreensão. Ao mesmo tempo, as readequações foram apropriadas, respeitando o tempo da escola e dos participantes. Quanto à participação, houve alguns mais empenhados e outros menos, o que é natural. O cansaço fez parte dessa jornada, inclusive em alguns profes, em momentos pontuais. No entanto, o que me deixou feliz, é que mesmo assim o grupo fez acontecer, levando a realização até o final. Quanto aos resultados, o saldo foi positivo. Entendo que alcançamos o maior (pelo menos, para mim) dos objetivos: proporcionar paradas de reflexão e vivências que possibilitaram aos participantes vislumbrar alternativas concretas, por meio da prática de ações pedagógicas necessárias e exequíveis, considerando a realidade dos estudantes e o contexto escolar bem como compreendendo que o trabalho conjunto é possível e viabiliza a concretização de resultados satisfatórios e recompensadores, permitindo-nos acreditar na validade de esforços que superem as dificuldades que a educação vem enfrentando (parte delas, pelo menos).

P2: Como escrevi anteriormente, foi muito positivo o engajamento dos estudantes nos comitês. Estamos sempre aprendendo nessa convivência.

P3: Apenas agradecer a oportunidade e desejar sucesso, saúde, um excelente natal e um 2023 repleto de realizações.

P4: A aproximação com colegas de outras áreas, as trocas e as reflexões foram enriquecedoras. A possibilidade de discutir, analisar, elencar temas e propostas acrescentou muito no trabalho. Poder se responsabilizar e ser autor dos projetos nos colocou como integrantes do processo de construção das etapas.

P5: Sempre olhei/recebi convites de projetos torcendo o nariz. Não que eu não goste de trabalhar, mas por outras pessoas não comprarem ideias ou não se engajarem no trabalho, tornando ou deixando o trabalho pesado para outros. Mas nesse trabalho/projeto foi diferente: os colegas animados conforme os encontros iam acontecendo, a participação dos estudantes e os encontros com as discussões relacionadas aos temas. Todos, exatamente todos trabalharam. E os resultados iam aparecendo sem muita demora. Foi muito bom. Levo como uma boa lembrança e referência para novas execuções de trabalho para o futuro.

P6: Registro que me diverti muito em alguns momentos. O aprendizado que construímos foi prazeroso. Quando penso em como isso pode ser estendido à sala de aula regular, confesso que não tenho uma visualização muito clara, mas é certo que as vivências deixam sementes.

P7: Perdi o dia 26...

P8: Agradeço a oportunidade de poder participar desse projeto e compartilhar com meus colegas e alunos tantos momentos de aprendizagem.

P9: O início do processo foi de muita desconfiança e contrariedade de participar, pois muitas falas não faziam sentido e muitos conceitos eram abstratos e desconhecidos para mim. Fiquei cheia de dúvidas ao longo das formações, sem conseguir perceber uma conexão entre as falas e a realidade da escola, a aprendizagem dos alunos.

P10: Uma das curiosidades: como iremos dar continuidade ao processo iniciado em 2022, em relação aos outros temas sugeridos? Obrigada!

P11: – Ilegível –.

P12: Algumas vezes não pude participar, porque tive sábado letivo em outra escola, pois tenho duas matrículas, o que acabou prejudicando um pouco a minha caminhada junto ao

grupo. O projeto em si foi muito gratificante, pois nos colocou a par das alfabetizações do futuro e conseguiu integrar alunos e culminar nos 50 anos da escola.

P13: Como professora do apoio pedagógico, não pude participar plenamente das atividades, mas me senti animada em fazer algo novo pela educação. Acredito que podemos utilizar os comitês para realizar novos projetos, já que os estudantes se mostram dispostos e se engajam na proposta.

P14: Acho que projetos são uma metodologia bastante rica, mas é preciso que todo o grupo de professores abrace a ideia proposta. Senti bastante resistência de algumas pessoas, o que não contribui para a execução e dificulta que se chegue aos objetivos propostos.

P15: – Não interagiu –.

P16: – Não interagiu –.

P17: A escola não pode disponibilizar um tempo maior para os encontros, uma vez que precisamos dar conta de muitas demandas internas e externas. Acredito que a formação em período fora da carga horária de trabalho funcione melhor. Os professores participariam com maior comprometimento, uma vez que fosse ofertado como convite ou grupo de estudos. Acredito que algumas participações foram forçadas, uma vez que estavam em horário de trabalho. No mais, a metodologia utilizada foi muito pertinente, no meu ponto de vista.

*Agradecemos por compartilhar conosco a sua reflexão.
Ela permitirá que possamos redefinir ações para as etapas
futuras.*

Facilitadores Projeto Futures Literacy

Apêndice D

Interação de estudantes

Olhar o caminho percorrido, definir novos rumos! (dezembro/2022)

Parada para reflexão:

Em toda caminhada é importante realizar momentos de parada, que nos permitem olhar para o caminho percorrido e pensar como desejamos seguir adiante.

Nosso convite é para que você olhe para a sua trajetória no Projeto Futures Literacy no Contexto da Educação Básica e no projeto que você ajudou a construir, denominado 50 anos da Escola Caldas Júnior: olhar para o passado, compreender o presente, desenhar o futuro para transformar comportamentos hoje. Retome suas memórias do vivido desde o momento em que você aceitou fazer parte dele.

Para auxiliar a reflexão, apresentamos algumas pistas, mas fique à vontade para acrescentar as observações que desejar:

1) Quando iniciei nesse projeto eu esperava que...

A1: Eu aprenderia novos conhecimentos e faria novas relações sociais.

A2: Eu estaria me envolvendo em um grande projeto, no qual eu poderia contribuir muito, a partir de conhecimento, ideias e opiniões.

A3: Fosse muito complicado e trabalhoso.

A4: As pessoas da nossa escola pudessem conhecer a história da Escola Caldas Júnior.

A5: Seria apenas um projeto bobo, mas com o decorrer do tempo meu pensamento mudou.

A6: Eu poderia mostrar a todos a trajetória da escola.

A7: Eu evoluísse como pessoa e proporcionasse mais conhecimentos sobre a escola, sua divulgação e valorização. Em geral, escrever a história da Escola Caldas Júnior.

A8: Fosse algo bem diferente do comum.

A9: Pudessem influenciar em novas mudanças e reformas na escola.

A10: Eu me relacionasse e integrasse com alunos de outros anos da escola, podendo debater ideias.

A11: Eu ia ter novas experiências, obter novos conhecimentos e muitos aprendizados, e, principalmente, cooperar com um projeto da escola.

A12: Tivesse mais reuniões e eu ocupasse mais responsabilidade dentro do projeto.

2) Me envolvi em...

A1: Vários grupos de pessoas e atividades colaborativas.

A2: Durante o projeto, além de participar das palestras, participei da entrevista, que foi feita com alguns alunos, porém, por motivos pessoais, resolvi pedir a retirada da minha fala.

A3: Linha do tempo, comitê e projeto Futures Literacy.

A4: A construção da linha do tempo e as reuniões com os comitês. E ajudei na capa da carta.

A5: A linha do tempo e os comitês.

A6: A construção da linha do tempo; participei das reuniões e escrevi boa parte da carta.

A7: Comitês, reuniões às sextas-feiras e desenvolvimento do documentário.

A8: Reuniões nas sextas, depois da aula, sobre o comitê, também ajudei na capa da carta e na linha do tempo.

A9: Subcomitês para atividades colaborativas em relação a proporcionar o conhecimento sobre o passado da nossa escola.

A10: Subcomitês, em que participamos de grandes ações colaborativas e pesquisas em relação à escola.

A11: Os encontros depois das aulas, a confecção da linha do tempo e a entrevista para o documentário.

A12: Ideias para a formação do trabalho sobre a linha do tempo e do texto.

3) Aprendi que...

A1: É importante saber a história da escola.

A2: Com persistência, vontade e calma, podemos nos superar em diversos aspectos, tanto em dificuldades quanto em objetivos.

A3: Temos que compreender o presente.

A4: Trabalhar em equipe é melhor do que trabalhar sozinho.

A5: Temos que compreender o presente.

A6: Nossa escola teve e ainda vai ter muitas vitórias e conquistas.

A7: A Escola Caldas Júnior tem muita história, evolui constantemente, a valorização que recebemos aqui é gigante, os trabalhos em grupos nos fazem evoluir como pessoa e o trabalho em equipe é muito mais desenvolvido.

A8: Trabalhar em grupo com coisas diferentes é bem legal e diferente.

A9: A história dos 50 anos da nossa escola, a diversidade e a diferença de pensamentos de pessoas mais velhas e novas.

A10: Com o envolvimento de diferentes idades conseguimos uma diversidade de ideias.

A11: Tenho capacidade para muitas coisas e posso criar muitas coisas, com outras pessoas e a escola, desde o início.

A12: Todo mundo pode ser amigo e trabalhar junto. E cada um tem sua qualidade.

4) Sobre dificuldades, posso dizer que...

A1: Não tive muitas dificuldades.

A2: Superei-as, com persistência e atenção nas palestras, além, claro, de trabalhar em grupo com professores e colegas de outras salas.

A3: Tive dificuldade em fazer as escritas em computadores.

A4: Não consegui vir no sábado e tive um pouco de dificuldade de mexer nos computadores.

A5: Tive dificuldade de comparecer às reuniões, por conta da distância da minha casa.

A6: Tive uma grande dificuldade na pesquisa das informações e na minha comunicação com os outros participantes.

A7: Tive dificuldade de comparecer em algumas reuniões, por conta do transporte.

A8: No começo, sendo sincero, eu não estava entendendo muitas coisas, depois fui entendendo melhor.

A9: A continuidade de pensamentos em relação à carta feita, das décadas e da sua construção.

A10: A criatividade foi algo complicado para montar, por conta da quantidade de assuntos, porém foi muito satisfatório depois de pronto.

A11: No início, tive dificuldade de socializar com as pessoas que eu não tinha tanta afinidade, mas aos poucos fui me acostumando.

A12: Não tive, o grupo trabalhou bem junto.

5) A partir da minha trajetória no projeto, considero que...

A1: Aprendi coisas novas e conheci novas pessoas.

A2: Colaborei e dei o máximo de mim para contribuir com ideias e opiniões quanto ao projeto.

A3: Foi muito legal e divertido.

A4: Me senti importante por ter ajudado no projeto e a descobrir a história da Escola Caldas Júnior.

A5: Aprendi muito nas reuniões e atividades, e foi muito divertido, uma experiência diferente.

A6: Me senti importante por participar do projeto, mesmo não sendo representante ou vice-representante, aprendi muito sobre responsabilidade.

A7: Sou muito reconhecida, valorizada e respeitada acima de tudo. O projeto marcou minha vida para sempre, cresci, amadureci e aprendi muito com o projeto, a escola e os colegas.

A8: Fiquei feliz e me senti importante em participar desse projeto.

A9: Evolui em conceitos de diferentes pensamentos, como a maneira de agir de acordo com cada situação e a colaboração em grupo.

A10: Evolui minha capacidade de colaborar em equipe, num grupo de pessoas. Conheci melhor a trajetória da escola até aqui.

A11: Aprendi muita coisa com a escola, o projeto e as pessoas com as quais convivi, e tive muitas experiências novas.

A12: Aprendi bastante com os colegas do meu grupo e perdi a timidez em público.

6) Utilize o espaço a seguir para acrescentar outras considerações (vivências, observações, curiosidades, dúvidas, sugestões...) sobre a sua participação no projeto.

A1: Gostei muito das experiências vividas e espero poder realizar mais projetos como esse.

A2: – Não interagi –.

A3: Eu gostaria que tivesse mais vezes, pois achei muito legal.

A4: Achei bem legal o projeto todo. Quero que os estudantes da Escola Caldas Júnior possam conhecer sua história.

A5: Achei muito legal e me senti importante por ter sido convidado e por participar. Obrigado, diretoria e professores, gostei muito dessa experiência.

A6: Achei muito interessantes a ideia do projeto e o resultado final, espero que no futuro façam novamente.

A7: Quero agradecer pela oportunidade de participar do projeto. E espero que a escola continue desenvolvendo mais projetos que incluam a participação dos alunos, da comunidade escolar e dos professores.

A8: Achei diferente e interessante.

A9: Poderíamos ter influenciado em mais ações com os alunos, e há algumas questões de ensino que poderiam evoluir.

A10: Poderíamos ter criado ações mais dinâmicas com as turmas, como jogos e atividades.

A11: Gostei muito da ideia do projeto, porque, além de fazer novas amizades, pude conhecer mais sobre a escola, e estou

muito feliz por fazer parte disso, por poder fazer algo em honra à escola.

A12: Devemos continuar o projeto, mas adicionando mais coisas que envolvam outros alunos também, para que todo mundo tenha seu lugar de fala.



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 120 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1.500 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:

